3 1761 07048260 9

OBRAS COMPLETAS
DE
A. F. DE CASTILHO

44

CASOS DO MEU TEMPO

LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA DO DUQUE-36. Tel. T. 1264

OBRAS COMPLETAS
DE
ALFREDO GASTILHO

CASOS DO MEU TEMPO

[illegible]
Ten. art.
Lubango/Setembro/1944

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 44.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLIV—Casos do meu tempo (6 vol.)

NO PRÉLO:

XLV—Casos do meu tempo (7.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XLIV

CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME VI

LISBOA

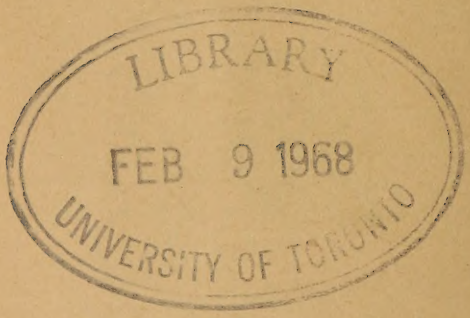
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95 || TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens

1907

PQ
9261
C34C35
v.6



CXC

Um codice do seculo XIII

(Março de 1844)

A Academia Real das Sciencias de Lisboa acaba de publicar uma curiosa traducção, feita pelo seu digno Socio, o snr. João Baptista da Silva Lopes, a qual tem por titulo:

Relação da derrota naval, façanhas e successos, dos cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa no anno de 1189, escrita em latim por um dos mesmos cruzados.

Este códice foi achado pelo Cavalheiro Gazzera, Secretario da Academia Real de Turim, que o commentou e publicou em 1840. Estava escrito em 12 folhas de pergaminho, mau latim, com muitas abreviaturas, pelo que tudo pareceu ser do seculo XIII.

Para mostra traz tambem esta publicação da Academia o *fac-simile* de algumas linhas da 3.ª pagina do manuscrito.

As primeiras cinco folhas continham a célebre carta, escrita a todos os Bispos e Barões da Christandade, acerca da Cruzada do Imperador Frederico, a qual anda já im-

pressa na Vida que Revedico escreveu d'este infeliz Monarcha; nas folhas restantes vinha a relação, que o snr. Silva Lopes publicou textualmente, traduziu, e annotou, com mui louvavel trabalho e saber.

A principal rasão por que a laboriosa Academia se deu a este trabalho, foi conter aquelle manuscrito um importante facto da nossa Historia, qual o cêrco e tomada de Silves por el-Rei D. Sancho I, com o auxilio dos Cruzados que iam na armada, cuja derrota se relata no citado códice.

Posto que o autor seja anonymo, e pouco acrescente ao que dizem as nossas chronicas, como se achou na tomada da cidade, bom testemunho é a favor do que temos escrito, e digno de ser consultado e crido. N'um ou dois pontos, em que parece querer desabonar os Portuguezes, mostra o snr. Baptista Lopes que o autor se contradiz depois, e a si proprio se corrige.

Muitas mais observações historicas faz egualmente o snr. Silva Lopes, nas vinte e cinco notas com que illustrou esta sua traducção, todas mui apropositadas; e a tocante ao estado actual da cidade de Silves é assaz curiosa e miuda, com a sua perspectiva em estampa lithographada.

E', com effeito, uma obra esta mui prestadia para a nossa Historia, e bem para se agradecer ao snr. Baptista Lopes.

(Rev. Univ).

CXCI

Conversão

(Abril de 1844)

João Rosenfelder, suisso, era uma excellente pessoa e um excellente jardineiro. A Casa Palmella o havia mandado vir de França para a sua quinta do Lumiar, que elle em poucos annos transformára n'um palmito.

Seus amos lhe queriam, como a servidor zeloso e intelligente. Os trabalhadores seus dependentes, e os visinhos, captivados da sua benevolencia, e da amenidade do seu trato, não viam n'elle um estrangeiro, mas um amigo, quasi um parente. Sua mulher, e suas tres filhas, uma de cinco annos, outra de tres, e a mais pequenina de dez mezes, sua mulher e suas filhas eram tão felizes com elle, e por elle, como as suas flores. A sua casa era, em diverso genero, um quadro tão bello como o seu jardim.

Com tão boas qualidades naturaes, faltava-lhe porém, a que de todas é guarda e penhor, a que todas a final chega a coroar.

O lutheranismo, em que Rosenfelder havia sido criado, conduz ao deismo, se não é elle já um deismo disfarçado; bem como o deismo leva ao scepticismo, e o scepticismo

á absoluta negação da Divindade. Rosenfelder não passára ainda de deista. Na sua completa indifferença a respeito de todos os cultos externos, permittia a sua mulher as práticas do Catholicismo que professava, e criar n'ellas a sua familia.

Veio a grande missionaria, a enfermidade grave, bater lhe á porta. A graça havia sido repellida por quarenta annos; não se deu pressa em abrir.

Cresceu o perigo; foram-se desfolhando e cahindo, a uma e uma, as esperanças. Sobreveio o amor consternado de uma esposa, supplicou, e não conseguiu. O entendimento não é coração; não se deixa levar, senão vencido e prezo. O moribundo sorriu, agradeceu, mas perseverou voltado para o abysmo que não via.

Chegou a nova ao palacio; a snr.ª Duqueza jazia tambem de cama; a sua piedade sincera e fervente lhe restitue, ou lhe suppre, as fôrças; vôa ao Lumiar; vai sentar-se á cabeceira do enfermo; cerca se das futuras orphans e viuva; exhorta, supplica, enternece sem custo; exgota todos os amplos recursos da sua caridade, e do seu saber, e não logra, senão abalar pelo cume aquella arraigada contumácia. Volta ainda no dia seguinte; redobra todas as suas edificantes seducções, e alcança o que desde a primeira hora implorava: que um Ecclesiastico douto, por ella mandado, seja recebido e escutado com attenção. Se as suas razões não convencerem, é sempre tempo para expirar lutherano.

Foi o Rev.do snr. Padre Joseph Ilsley o escolhido para esta conquista. João era um

entendimento recto, e amigo da verdade; a primeira conferencia não o convenceu; declarou-o lealmente, mas não se recusou a segunda.

Na segunda discutiu, reperguntou, pesou, e tornou a pezar, cada um dos argumentos da Fé, e pediu terceira visita, e terceira lição para o dia proximo, receoso (dizia elle) de que a morte lhe não desse licença para muito mais; mas a morte já não podia vir antes de concluida uma obra de tão bons principios.

Quando o Padre chegou (excusado é dizer se chegaria cedo), já a impaciencia do seu discipulo o accusava de tardança havia horas. O que faltava de instrucção para dar e receber, foi dado e recebido com avidez, com sofreguidão, com impeto, com enthusiasmo.

João Rosenfelder, sahindo do Baptismo, que não tardou em se lhe administrar, parecia ressuscitado á vida e á alegria, como qualquer das suas plantas mais preciosas, para quem uma chuva benéfica tivesse sobrevindo aos abrazamentos de um estio porfiado.

Nos poucos dias que ainda amanheceram para elle, depois de recebidos os Sacramentos ultimos, repetiu por vezes o da Penitencia, confessando sempre que as horas mais alvas e alegres da sua vida eram estas derradeiras.

A 25 de Fevereiro, com lagrimas de esposa e filhas, corriam sobre um homem, que sorria depois de morto, as de muitos trabalhadores e camponezes, cada um dos quaes

commemorava um beneficio, um serviço, ou uma virtude; e a todos o Sacerdote, depositario dos ultimos segredos, dizia: «Orae, e consolae-vos»; e lhes mostrava o Ceo, em que era impossivel que alguem descresse no meio d'aquella scena.

(Rev. Univ.)

CXCII

Pobreza rica

(Abril de 1844)

Todos no bairro de Alcantara conheciam, e muitos costumavam esmolar, a uma velha mendiga, por alcunha «a Bispa», moradora nas sobrelojas de uma casa nobre, na rua Nova de S. Francisco de Paula, antiga residencia de certo Prelado, a cuja caridade (segundo se pode crer) ella devia aquella commoda e gratuita poisada.

Tres dias a fio, na semana passada, deixou esta mulher de ser vista pela visinhança.

A leiteira sua fregueza, tendo-lhe todos estes tres dias batido baldadamente á porta, entendeu que devia de haver na casa novidade ruim. Consultou com os visinhos; estes foram da sua opinião; deu-se parte á Autoridade; arrombou-se a casa.

A Bispa, unica moradora d'ella, jazia morta. Era o que pouco mais ou menos se esperava; não causou assombro.

O que porém o causou, e grandissimo, foi a riqueza, de que se achou ser possuidora, quem por soes e chuvas estendia a mão a pedir, pelo amor de Deus, uma moeda de cinco reis aos passageiros.

Ao-pé dos seus fatos remendados, e das

suas chinellas rôtas, via-se profusão de vestidos, e sapatos novos e bons. A sua guarda-roupa daria de rosto á de muitas casas abastadas. A sua prata, e muitas joias, eram antigas, e de um valor muito subido; por um só dos diamantes que se lhe acharam, houve logo ali quem offerecesse 288$000 reis. A sua cama era um rico leito, que poderia offertar-se a uma noiva; a mobilia condizia com o mais.

Não é tudo. O proprio predio lhe pertencia; e a que se julgava não occupar senão umas sobrelojas nuas, communicando-se por uma escada interior com os outros andares, habitava em ricas e armadas salas de uma vivenda magnifica.

No meio de tudo isto, parece que não podia deixar de haver dinheiro; procurou-se, mas apenas se achou uma moeda de 10 reis. A Bispa (se se ha-de acreditar no que diz o seu aguadeiro) por vezes lhe havia dito, por ventura para arredar cubiças de ladrões, que por mais que por sua morte revolvessem, dinheiro em sua casa o não achariam. Entretanto, varias chavinhas se lhe encontraram, que devem servir em esconderijos, porque em nenhuma das partes descobertas foi possivel fazerem-n-as entrar.

Está-se á espera de ver agora apparecer um enxame de parentes da solitária. Já alguem se apresentou, dizendo-se seu procurador, e por ella encarregado de declarar verbalmente as suas ultimas vontades; mas como não apresentava mais prova do que a sua palavra, foi mandado passear.

(Rev. Univ.)

CXCIII

Herodes tripas de lan

(Maio de 1844)

Em 30 de Abril de 1842, pela 1 hora da tarde, passava pelo sitio da Volta das ceiras, estrada de Loires para Bucellas, o nosso bem conhecido constructor naval, o snr. Manuel Luiz dos Santos, acompanhado de sua mulher e de suas filhas, todos a cavallo, quando viram sahir de uma concavidade de terreno, fora do caminho, um homem que não conheceram, mas cuja apparencia, e cujo sobresaltado modo de fugir, o tornavam infinitamente suspeito de ladrão, ou malfeitor recem-gravado na consciencia com algum crime.

Desapparecido elle, e tornando os viandantes a lançar os olhos para o sitio d'onde o tinham visto levantar-se, enxergaram um braço e uma cabeça, como que aos mergulhos, apparecendo e sumindo-se, e com geitos de quem, n'um lance apertado, chamava mudamente por auxilio.

Inerme, e cercado de senhoras, duvidou o snr. Santos se acudiria ao que bem poderia ser uma cilada; mas a humanidade falou mais alto que a desconfiança. Arremettеu

resoluto, e não achou mais do que um mocinho de 14 annos, estirado n'um charco de sangue, que lhe jorrava de uma ferida transversal e profunda na garganta. Envolveu-lhe o pescoço o melhor que poude, carregou-o sobre a sua cavalgadura, e a pé, amparando-o e agasalhando-o com todo o amor, o foi conduzindo, apressando-se de chegar onde lhe podessem dar soccorros.

Entrados em Bucellas, chamaram facultativos. Estes, mal que examinaram o enfermo, deram o caso por desesperado; mas, não obstante, começaram a applicar quantos remedios a Sciencia para taes casos lhes suggeria. Unido e tapado o golpe, por onde o ar da respiração entrava e sahia, o moribundo, que nem uma palavra podéra ainda articular para responder ao muito que lhe perguntavam, recobrou a voz, desfallecida sim, e quasi imperceptivel, mas bastante para, muito a custo, poder revelar a sua trágica historia, e o nome do seu matador.

Levava elle, da parte de seu amo, cinco moedas para entregar a uma pessoa em Sacavem. João Ferreira, por alcunha «o Tripas de lan», natural da freguezia de S. Pedro de dois Portos, se lhe ajuntára no caminho; e, depois de ir por algum espaço conversando com elle, lhe desandára com o bordão pela cabeça, lhe tirára o dinheiro, e para que não podesse denuncial-o (pois o conhecia), surdo e cego aos seus rogos e ás suas supplicas de joelhos e mãos postas, lhe cortára as guellas com uma faca de ponta, atirando-o para o meio de uns trigos, d'onde a caridade d'aquelle passageiro o fôra tomar.

Vinte e quatro horas depois do attentado José Mathias (é o nome da victima) tinha exhalado o ultimo suspiro. Correu tanto a Justiça nas suas diligencias, que o «Tripas de lan» foi achado, e prezo com as proprias cinco moedas ainda intactas.

Acareado com o snr. Santos, e depois separadamente com cada uma das pessoas da sua comitiva, de todos foi reconhecido ser o mesmo, que haviam visto levantar-se e fugir do sitio onde o corpo se encontrou.

A conformidade d'estes insuspeitos depoimentos, o que de manhas e de latrocinios d'elle relataram visinhos seus, chamados a jurar, algumas outras provas ainda, e sobre todas a solemne declaração do moribundo, forçaram o reo a confessar de plano o maleficio.

Quando porem a 8 do corrente elle tornou a apparecer em Juizo no Tribunal do snr. José Joaquim dos Reis e Vasconcellos, já a escola da Cadeia o tinha amestrado, e negou atrevidamente. Entretanto, o Delegado, o snr. Adriano Ernesto de Castilho Barreto, o convenceu, e o Juiz o condemnou a degredo perpétuo para S. José de Encoge.

O Delegado appellou da sentença por diminuta, attenta a natureza e as circumstancias aggravantes do crime.

Do mais que n'este negocio occorrer daremos conta, assim que nos chegar ao conhecimento.

(Rev. Univ.)

CXCIV

Gigante

(Junho de 1844)

Se ainda durasse o antigo costume, introduzido na Europa depois das guerras das Cruzadas, de levar gigantes na procissão de Corpus-Christi, bem estava a de amanhan, pois ahi temos um gigante, não de papelão e lonas, mas de osso e carne, chegado fresquinho (e melhor disseramos frescão) de Guipuzcoa.

D. Joaquim Eleizegui é o seu nome. O seu comprimento (como poderão verificar os que á porta da casa n.º 53 da Praça de D. Pedro pagarem 100 reis), 92 polegadas hespanholas; a sua largura de unha a unha, abertos os braços, ainda maior que o seu comprimento; o seu todo, muito proporcionado; as suas fôrças, brutas; mas o seu genio, pacifico.

Quem o vê, não imagina como um barbeiro ha-de poder, quando lhe vier a barba (porque os seus 22 annos ainda a não teem), escanhoar e pentear aquillo sem andaimos.

O espectador faz sem querer sobre a sorte d'este ente privilegiado reflexões muito melancolicas; e, com effeito, viver no meio

da sociedade, para não ver os seus semelhantes senão pelo alto da cabeça, não caber em sege nem em camarote, não poder montar a cavallo, nem dar o braço a uma dama senão indo de gatinhas, é um terrivel desconto de ser o alvo das attenções do mundo.

Ignoramos ainda os pormenores da sua biographia; as dimensões do pae e da mãe que lhe deram o ser; as do seu bercinho, que seria alguma cama imperial; os seus brincos infantis, que deviam arremedar os de Hercules; a copia das suas refeições; os seus passatempos; e o em que mais frequentemente se entretem uma cabeça moradora n'uma região tão superior á nossa.

Por boa fortuna do Guipuzcoano, Lisboa é talvez hoje a unica cidade do mundo, que se acha nos termos de o poder galardoar da sua visita.

Mademoiselle Camilla, a famosa giganta, que os nossos leitores já conhecem, acha-se ainda aqui. Avistar-se hão necessariamente, e o Amor ferirá (e não com qualquer settasinha ordinaria) os seus grandes corações. Suspirarão, não estes suspirinhos das duzias, de que usamos nós outros, os bichinhos da terra, mas dois verdadeiros furacões arrancados da alma, que hão-de dizer muito; e o Hymeneu, unindo os, haverá estabelecido uma fabrica de collossos, fazendo ao mesmo tempo a ventura de um par, que até á morte se ha-de por fôrça conservar fiel.

A exhibição d'este Philisteu é todos os dias, desde as 11 da manhan até ás 2 da tarde.

(*Rev. Univ.*)

CXCV

A cara da minha Gertrudes

(Junho de 1844)

A epidemia mais dominante parece estar sendo a dos desapparecimentos.

Um sapateiro do bairro dos Anjos desampara de repente casa, mulher, e filhos, não deixando á sua Ariádna (por nome Gertrudes) nem um vintem com que se remir.

Passa-se o dia em suspeitas; a noite em sustos; as seguintes noites e dias, em consternação. Marejavam todos os olhos da familia com lagrimas do coração...e do estomago. Procuraram-n-o por toda a parte; deram-n-o por perdido, e defunto.

...Eis que um amigo topa com elle casualmente; em verdade, n'uma região de *espiritos*, mas não no ceo, no inferno, no purgatorio, ou no limbo; n'uma tasca, bebendo e comendo alegremente, como se acabasse de dar o ultimo lustro a um par de botas feito por sua mão para um Monarcha.

Perguntado do amigo (cuja vinda elle festejou com a maior alegria, convidando-o para que se assentasse, e comesse), e instado, á primeira e segunda vez, para que lhe

declarasse a causa por que assim, com tanto desamor, largára a sua companheira e os seus meninos, levantou-se meio irado contra uma suspeita tão injuriosa para o seu coração; e, tornando logo a assentar-se com uma resserenação digna de um Séneca, se explicou pouco mais ou menos nos seguintes termos:

—Compadre, cada homem tem lá a sua systema. A minha systema é ser muito amigo da minha Gertrudes, que é boa mulher, e muito capaz; o compadre bem n-o sabe. ¿Pois é, ou não é? Andava eu a scismar ha muito tempo cá n'uma coisa, que era verdade: que já me principiava a aborrecer o ver sempre diante de mim a cara da minha Gertrudes. ¿Abria os olhos na cama? ¡a cara da minha Gertrudes! ¡A cara da minha Gertrudes ao almoço! ¡a cara da minha Gertrudes ao jantar! ¡á ceia, a cara da minha Gertrudes, e sempre a cara da minha Gertrudes, para qualquer banda que me virasse. Phelosophei com os meus botões o que devia fazer, para me não aborrecer de todo da cara da minha Gertrudes; que isto de amor, em se estrompando de veras, nem o diabo tem alma de lhe deitar tombas. Entendi que o melhor era separarmo-nos por algum tempo para vermos outras caras, e tornar depois á vacca fria. Aqui tem o compadre por que eu ando aqui n'este degredo. Tambem... já não ha-de durar muito.

—¡Ainda bem, que já as saudades o apertam!

—¡Ainda mal, que já os vintens se me não acabando, e não ha remedio senão tor-

nar-me para o tirapé.... e para a cara da minha Gertrudes.

O amigo o reconduziu em triumpho para sua casa, e pagou com que fazer a ceia; pelo que, a scena do reapparecimento e da reconciliação não foi falta de um certo encanto.

A' sobremeza o mestre-philosopho, que já tinha no corpo mais espirito do que Deus lhe dera, provou á sua Gertrudes com razões, de que ella pareceu inteiramente convencida, que muito melhor lhe ia a ella em lhe elle não querer ver a cara alguns dias, do que se, n'um impeto de quesilia, lh'a desfizesse com umas encóspas, ou com o primeiro diabo que apanhasse á mão.

(*Rev. Univ.*)

CXCVI

Passar pelo vime

N. B.—Como preparo ás duas noticias seguintes, CXCVII e CXCVIII, entendemos apresentar aqui aos leitores um interessantissimo artigo do fallecido e sempre saudoso Antonio da Silva Tullio, impresso na *Revista Universal Lisbonense* de 6 de Julho de 1843 (Tomo II, pag. 524 e seg., artigo 1:893).

Os Editores

A NOITE DE S. JOÃO

(PASSAR PELO VIME)

Peço-vos por mercê, que em breves palavras me digais ¿o que é isto? ¿de que terra veio, e se é abusão ou dito falso do Povo, ou se aproveita para alguma coisa?

GARCIA DA ORTA—*Colloq.* 42.

Deixae-nos ser algum dia do anno semi-pagãos. São as superstições da Politica ambiciosa, as que empecem á felicidade; mas estes graciosos prejuizos de nossos paes a nenhuma coisa do mundo damnam. E de mais (se havemos de dizer toda a verdade), a Fé, que a estes pobres erros acompanha, costuma trazer comsigo muita piedade religiosa, e n'ella alguma doçura moral, que nem sempre vai por onde vai a desenganada philosophia.

CASTILHO—*Primavera*

«Certo que não podiamos achar melhor texto e contra-texto, como os que acima ficam estampados, e que trouxemos a drede para fugirmos ao trabalho, ou antes á desconveniencia, de lavrar aqui por extenso o nosso singular parecer, acerca d'esta, e das outras *milagrosas* e *infalliveis* provanças, que ainda hoje se fazem na mui poetica, gentílica, e devota, noite de S. João.

«Entretanto, cumpre dizer, que bom fôra (ou melhor ainda, deviamos tomal-o como obrigação nacional) o ir registando todas estas praticas populares, embora supersticiosas, pagans, ridículas, ou como quer que aos nossos philosophos aprouver de lhes chamar; porque, se esse cuidado não tomarmos, accusar-nos-hão os vindoiros, com muito mais rasão, do que a que julgamos ter contra os nossos passados, porque de immensas coisas apenas nos deixaram escritos os nomes, pelos quaes não podemos sequer rastrear-lhes a significação.

«Este desleixo, que em nós é proverbial, tem-nos feito perder até a memoria de muitas urgentes, de grande valía não poucas. ¿Pois para que deixaremos sem historia muitas usanças e costumeiras antigas, que já ahi se vão finando pouco a pouco? Por exemplo: as alcaxofras e a herva pinheira, antiquissimos oráculos dos namorados, cá para nós, os cortesãos, vão cahindo em desuso; consequencia não legitima, mas necessaria e logica, da extincção das fogueiras; obra da mais prosaica e assustadiça postura municipal, que nunca se viu. E por isso, já agora, quando houvermos de falar nas *ca-*

beças de alcatrão, temos de acrescentar: «de saudosa memoria». Paciencia.

*

«Vamos porém ao nosso proposito:

«Entre os muitos milagres, que o Senhor S. João se digna fazer por virtude dos orvalhos da sua noite, contou-se sempre o de curar os meninos quebrados, levando-os nus em pelle a passar pelo vime á hora mysteriosa da meia-noite. Isto todos sabem, pelo ouvirem dizer; mas quanto ao melhor da festa, quasi todos por ahi o ignoram.

«Pois senhores, o melhor da festa (aliás *cura*) são as ceremonias; porquanto os devotos não se fiam só na *virtude* do relento. E mesmo porque é mister que tudo contradiga aquelle rifão parvo, que diz que as ceremonias são só para a Egreja.

«Vejamos. O ritual, ainda hoje fielmente observado, é o seguinte.

«Perto da meia-noite, leva-se o menino quebrado para ao-pé de um frondoso vime. Apenas acaba de bater a ultima das doze badaladas, começa-se a despil-o, e vai-se fendendo de alto a baixo uma vara do vime, que esteja bem verdinha, de maneira que as duas metades abram um circulo, pelo qual possa passar a criança. Chega-se esta especie de arco para o meio de um rapaz e de uma rapariga ainda pequenos, mas que saibam falar, e que tenham por nome, elle *João*, e ella *Maria*. Depois pega se da criança, que deve já estar completamente nua, dá-se ao João-sinho, que a toma nos braços, e de costas a

enfia pela cabeça atravez do vime, para a passar ás mãos da Mariquinhas, que o torna a recambiar com o mesmo geito para o João, e isto por tres vezes, repetindo de cada uma estas palavras *sacramentaes*, que, segundo é fama, encerram muita virtude:

—Em louvor de San João
toma lá Maria.
—¿Que me dás, João?
—Dou-te este quebrado
p'ra m'o dares são
em louvor de San João.

«Feito isto, une-se outra vez a vara, unta-se muito bem untada com mel de enxame novo, rasga-se uma tira da fralda da camisa da criança, e com ella se liga o vime, para tornar a ficar como d'antes era. Se elle com effeito sara, e não morre do golpe que levou, a criança fica tambem san e escorreita. Se porem sécca e fenece, fica tudo (como lá se diz) em actos nullos; e o mais que pode succeder é o pobre innocente apanhar alguma constipação, e ir direitinho para o Ceo (¡ditoso d'elle!) em louvor de S. João.

«Ora isto não nol-o contou nenhuma velha, a quem aliás muito respeitamos e acreditamos; vimol o com os proprios olhos. E não se julgue que foi n'alguma aldeia, e ainda no tempo do *Dominus tecum;* foi aqui, na nossa illustrada e illustradissima Lisboa, no bairro mais nobre d'ella, o do Rocio, e a 23 do corrente Junho de 1843.

*

«Quem n'esse dia, cêrca da meia-noite, se achegasse á muralha de S. Pedro de Alcantara, a lançar os olhos para aquella grande parte da Cidade, que d'este ponto se avista a olhar para o Tejo, recostada no monte do Castello, e nos visinhos que sobranceiramente lhe ficam ao norte, pôr-se-hia a contemplar (de certo não sem muita saudade e melancolia), como esta mesma Cidade, que d'antes, em tal noite e a taes deshoras, estava toda a folgar e a rever-se ao clarão das fogueiras, e a fazer figas ao somno com a porfia de as saltar, e ainda mais com o estrondo dos fogos de artificio (¡ah tempo!... ¡tempo!)... agora se via tão calada, tão quêda e ás escuras, que bem parecia estar mettida n'aquella

...austéra, apagada, e vil tristeza,

de que fala o Camões. Era, sem duvida, coisa muito para entristecer.

«Mas, no meio de toda esta quietação e escuridade *promulgada* [1], se o solitario olhasse para a parte do sul, veria, na deliciosa horta, que hoje continúa até á calçada da Gloria, a rica propriedade que o snr. Caldas Aulete possue a meia encosta do lado oriental do monte de S. Roque, veria, dizemos, por entre o apertado cannavial, que ondeia aos pés da Santa Casa de Misericordia, gran-

[1] Pelo Edital de 16 de Setembro de 1835, em que pela Camara foram prohibidas as fogueiras nas ruas.
Os Editores

de multidão de gente, com archotes accezos uns, outros com lanternas, a formigarem á volta de uma arvore, e á mistura uma tal confusão de vozes, que ninguem se entendia. Mas, sobre tudo, o que mais o havia de maravilhar, era ouvir tamanho berreiro de crianças, que á primeira vista o faria suppôr que todas as amas da Misericordia iam a fugir com os enjeitados por ali fora.

«Pois não senhor: aquillo tudo era para bem, saude do proximo, devoção e louvor de S. João.

*

«E' que todos os annos acodem, de varios pontos da Cidade áquella horta (que tem, entre outras coisas boas, um abençoado vimieiro de grande fama) muitas mães e amas, com os seus meninos quebrados, para os passarem pelo milagroso arbusto n'aquella santa noite; e n'esta, parece que foi tal, e tão escolhida, a concorrencia, tão amaveis as devotas, que era de pasmar.

«Não se julgue que fossem só velhas crendeiras, ou gente *de humildade*; nada. Dizem-nos, em boa fé, que lá foram, e lá se acharam,

bellas donas não só, mas donas bellas.

«Em resultado (valha a verdade) dez ou doze meninos ficaram *passados*; e um, que teria os seus cinco annos, oppôz-se formalmente a que lhe despissem a camisa; obstinação, que, dizem-nos, causou nos circumstantes mais devotos grande desconsolação, por irrogar desacato ao rito estabelecido. O rapaz é um progressista innato.

«Por ultimo, cumpre saber que o acto se passou na melhor ordem e decencia. Não obstante haver seu burborinho, e muita galhofa, principalmente entre as damas, tanto que chegava o momento solemne da *passagem*, e se ouviam entoar as palavras santas, conservavam todos um silencio tão religioso, uma attenção tão devota, que edificava.

«Parece tambem que o snr. Caldas ficára sobresaltado com esta inesperada invasão, e, ainda mais, sentido de o não saber a tempo, que podesse aparelhar um condigno acolhimento a estes visitantes annuaes da sua horta; pelo que, promettêra, como presador que innegavelmente é das nossas antigualhas, fazer para o anno com que esta interessante *passagem* seja brilhante, e vista pelas muitas pessoas que lhe manifestaram esse desejo.

*

«Eis aqui estão as fontes proximas da historia que ahi deixamos narrada, ponto por ponto, como cumpria.

«Em quanto existirem estes e outros restos dos antigos *mysterios* da noite de S. João, ainda se ella pode passar cá pela Cidade; quando não, teremos de pegar n'aquelle nacionalissimo e tão formoso poema da D. Branca, que mais ao certo nos fala d'estes folguedos, com medo de que algum vereador nol-o deite na primeira fogueira, que por ignorancia ou rebeldia ahi apparecer, e sahirmos para fora de Lisboa a passar este serão como deve ser».

Silva Tullio.

CXCVII

Passar pelo vime

(Junho de 1844)

Ha um anno vos descreveu o nosso collaborador e amigo, Silva Tullio, n'um formoso capitulo de saudades, a ritual ceremonia da *passagem* dos meninos-quebrados pelo vime, á meia-noite de S. João, nas hortas da calçada da Gloria, qual a vira praticar.

Aquelles, a quem se accendessem desejos de presencear esse curioso rito de poetica e immemoravel origem, poderão, cuidamos nós, sem grande custo, satisfazel-o agora, recorrendo á officiosa hospitalidade do snr. Caldas Aulete, a cuja quinta de então para cá se acrescentou a parte do terreno, em que os bentos vimeiros estão plantados.

Na proxima vespera de S. João, não só se fará ahi a costumada passagem pelo vime mas haverá, segundo se espera, boas fogueiras, bem saltadas e dançadas, musica, talvez fogo de vistas, e, sem duvida, concurso *folgasão com modestia* (como dizem os livros que para tal noite se requer).

O conhecimento que temos do genio bizarro do snr. Caldas, e do seu provado gosto em conservar, por sua parte, tudo que nos veio legado dos Antigos, e não prejudica aos Modernos, dá nos a cuidar que deverá ser a noite ainda mais bella do que a deixamos esboçada

Do que houver succedido, daremos relação de hoje a oito dias.

(Rev. Univ.)

CXCVIII

Passar pelo vime

(Junho de 1844)

Não faltámos á ceremonia, que haviamos annunciado se faria na quinta do snr. Caldas Aulete.

Houve alguma concorrencia de curiosos e curiosas, e não faltaram mães com meninos quebrados. A *Maria* e o *João* fizeram o seu dever com toda a consciencia. Os vimes ficaram muito bem e ritualmente untados com o competente mel de enxame novo, e atados segundo a regra; mas faltou a presença do dono da quinta, que não era o menos desejado da funcção; e essa falta nos haveria deixado inteiramente ás escuras, sem fogueira nem fogo de vistas, se dois dos concorrentes não tivessem tido a precaução de levar archotes.

Esperamos que para o anno o nosso excellente amigo não deixará de *fazer as honras* dos seus vimeiros aos devotos e curiosos que lh'os forem visitar; até para impedir n'este innocente costume uma circumstancia, que pode não o ser, e que muito nos repu-

gnou; e é o pôrem nus em pelle aquelles corpinhos tenros e doentes, ao relento da noite. Tanto importa *passar pelo vime* nu como vestido. As mães podem levar o mesmo grau de consolação para casa, sem que os filhos levem (além da ruptura) um defluxo.

(*Rev. Univ.*)

CXCIX

Importante restituição á Patria e ás Letras

(Junho de 1844)

Por cima de todas as fuscas e passageiras paixões politicas, brilha, para nós immutavel, o interesse da publica instrucção, interesse ás vezes desconhecido, ou desattendido, pelos fanaticos de todas as librés, mas unica verdadeira necessidade de todos os tempos.

Damos pois á nossa terra os parabens, de se achar emfim restituido a ella, para sempre, o Ex.^{mo} senhor D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, profundo philólogo, ornamento da nossa Academia, e geralmente respeitado pelos estudiosos. O descanço, que a sua velhice torna a encontrar n'estes, tão seus costumados, ares da mocidade, promette ainda á Historia e Letras patrias novos serviços, não menos valiosos que as ricas Memorias por S. E. escritas acerca de alguns principaes classicos portuguezes. S. E. veio de Italia por Inglaterra, desembarcando aqui no paquete de Londres a 19.

(Rev. Univ.)

CC

Tempestade em Lisboa

(Junho de 1844)

Quinta feira, 20 do corrente, presenceou esta Cidade o mais apparatoso phenómeno natural, que nunca seus moradores tinham visto.

Já o ensuado dos precedentes dias trazia em muitos animos desconfianças de algum desfecho extraordinario, de temporal ou terremoto. As molestias, diziam os medicos terem crescido na razão de 1 para 10, havia uma semana. O tempo corria secco; o ceo era limpo de nuvens.

Entre as 7 e 8 horas da tarde d'este dia, o ceo se acastella de grossas nuvens, que parecem cercar por todos os lados a Cidade, excepto uma pequena aberta para noroeste.

Cerrou-se repentinamente a noite; e uma trovoada, composta de trovoadas sem conto, começa de fuzilar em todas as montanhas e torres d'este phantastco assédio.

Relâmpagos, claros como a luz meridiana, se engranzavam uns nos outros, se encontravam de oppostas partes, se confundiam e sommavam em um; houve-os que duraram 15 segundos, descortinando-se entretanto a povoação, como em dia pleno. Os trovões, que a principio se não ouviam, começaram

de approximar-se e crescer, até que as suas bombardadas vieram retumbar por cima das nossas cabeças, com tão valente estampido, que as vidraças e paredes se estremeciam.

Os raios serpeavam, como listas de fogo, em dois, tres, e quatro pontos do horizonte ao mesmo tempo; n'um momento, um arco de fogo rodeou o ceo, dardejando simultaneamente de toda a sua extensão uma quantidade de raios perpendiculares á terra.

Por uma larga hora durou no seu auge este espectaculo, cujo exito se não podia calcular, e cujo sublime poder de fascinação era, por isso mesmo, mais energico.

Bello in si bella vista anch' è l'orrore,
E di mezzo la tema esce il diletto.

Os ventos, contrarios e furiosos, que tinham vindo acarretando todo este cahos ethéreo para cima da Cidade, lutavam sob elle, e bramiam revôltos em todas as direcções. Felizmente, quando menos se esperava, todo o espaço do ceo se desatou em chuva, com que o mais urgente perigo dentro em pouco se desvaneceu. Os ventos abrandaram, e os relâmpagos e trovões, que ainda continuaram até volta das 3 horas depois da meia noite, se foram progressivamente alongando, e sumindo para o sudoeste pela immensidade do espaço.

Fala-se de um grande numero de raios cahidos em diversos sitios, no rio e n'uma e n'outra margem d'elle; mas até ao presente não nos constou ainda que produzissem desastre algum. *(Rev.. Univ)*

CCI

Um homem incombustivel

(Junho de 1844)

Santo Antonio, que, segundo todos sabem, não foi S. Domingos, ia comtudo, na sua festa d'este anno, sendo, sem o querer, autor de um *auto-de-fé*.

Era um dos procuradores da dita festa, na villa do Sobral de Monte Agraço, um proprietario por nome Manuel Affonso. Propusera este aos collegas, como coisa facil, e com cuja execução elle correria, o arranjar-se por 19$200 reis uma banda de musica, para tornar o dia mais estrondoso. Os collegas não lhe responderam, e foram ajustar o instrumental por 26$400 reis. Queixou se; altercaram. Não obstante, contribuiu para a solemnidade com 1$200 reis.

*

Na vespera á noite, estava-se no arraial á espera do fogo de vistas; Affonso e dois amigos seus conversavam juntos.

O rapazio, impaciente de ver começar a arder e estoirar um grande boneco, que no meio do terreiro se via espetado n'um pau,

e que havia de ser o remate do divertimento, e o tropheo do fogueteiro, o rapazio, para ajudar a passar o tempo com um bom sainete, lembrou-se de dar ao boneco um nome; e este foi o de «Manuel Affonso».

O homem, a quem este genero de celebridade, e as risotas do seu inesperado triumpho (imagine-se qualquer no seu logar) desagradaram muito, *ardeu*, como o poderia fazer o proprio boneco, separou-se dos amigos, e chegou-se disfarçado para o pé do poste, em cujo cimo se estava vendo.

O fogueteiro, n'este comenos, reparando em que faltava alguma coisa no seu monumento, tinha-lhe arrumado uma escada, e subido a tomar em braços a estátua. Redescendeu com ella, e já se aparelhava para a concertar, quando Affonso, pedindo-lh'a por um momento, para examinar mais miudamente a delicadeza com que era feita, e recebendo-a das mãos do mestre, se abalou com ella, correndo como um foguete pela villa fora, caminho de sua casa, com grande admiração dos seus amigos e espectadores, e escandalo gravissimo dos rapazes,

A ancia de se desfazer era tão viva, que ainda não era chegado á porta, e já o seu Sósia ia decepado e desmembrado, com as bombas das suas entranhas fora, e a granada do seu cerebro na algibeira do operador.

Recolhidos ao *asylo inviolavel,* e trancados por dentro, parecia que todos quantos Satanazes e Belzebuths Santo Antonio esconjurára, em quanto vivo, se tinham vindo metter em casa do seu festeiro. Era um esbombardear,

que tremia o chão e restrugiam os ares. !Ah¡ os dois *Affonsos* haviam cessado de ser dois; só existia o de carne e osso.

Passado o primeiro assombramento dos estafermos do arraial, haviam todos corrido em chusma contra o raptor de si mesmo, e lhe cercavam a estrepitosa poisada com vociferações ainda mais estrepitosas, pedras, paus, e quantos instrumentos improvisa a vingança popular. Era inevitavel alguma desgraça, se, acudindo ahi um virtuoso Padre Martins, de grande autoridade, e muito bemquisto na terra, não conseguisse quietar os animos, dispersar a turba, e reenvial-a para o arraial.

Uma hora porém não era passada, quando um magote de rusticos apparece, trazendo em triumpho um boneco de palha, e atirando-o ao ar com algazarra; era o terceiro dos Affonsos inflammaveis. O andor, em que o traziam quatro homens, era uma escada de mão; ladeavam-n-o dois ceruferarios com archotes; precedia o musica; seguia-se lhe uma chusma de ociosos vomitando improperios, e ameaças de morte. Esse préstito se dirigiu compacto e unido como um só bêbado para a casa do ex-festeiro, já então aterrado de veras, e encommendando-se do fundo da alma ao Santo, em cuja honra tanto fogo acabava de deitar na sua cosinha. Trazia esta segunda investida carranca ainda muito maior que a primeira.

Até á meia-noite durou o tumulto, as pedradas na porta e nas janellas, as injurias e desafios. Queimado emfim o boneco de palha, gritaram «Já está morto», cantaram-lhe

responsos, e obrigados novamente pelo Padre Martins, se retiraram.

No outro dia, faltava saber quem havia de pagar ao fogueteiro o seu boneco. Manuel Affonso o fez prontamente nas mãos do Padre seu salvador, que na capella do Santo, e na presença de todos, lhe entregou o valor do seu mallogrado parto: dezasseis tostões.

(*Rev. Univ.*)

CCII

Boqueirão do inferno

(Julho de 184)

Conta-se que no logar do Gradil, ou perto d'elle, falleceu, pouco ha, um rustico, despresador publico e escandaloso de todas as práticas e crenças catholicas; ao qual tão pela posta veio a morte, que nem para o arrependimento lhe deixou aso.

A familia, não obstante haver elle expirado sem nenhum sacramento, nem lembrança de tal, desejou o sepultassem em sagrado; mas os visinhos se opposeram, e levaram a melhor. Abriu-se uma cova profana; arrojaram-n-o a ella; cobriram e desampararam o sitio, não sem horror.

Na seguinte manhan, acrescenta-se que, passando por ahi gente, descobrira, com grande pasmo seu, a cova novamente aberta, e tão afundada, que, por mais que se affirmassem, lhe não enxergavam o lastro, nem branquejar de mortalha. Deram rebate da nova pela visinhança; acudiu povo; entrou em consultas; resolveu-se que se examinaria o caso até ás ultimas.

Um mais destemido se offereceu para ir em pessoa sondar o boqueirão; amarram-lhe uma

corda á cinta, entregam-lhe um archote e uma campainha, e vão-n-o arriando com as orelhas fitas, e perguntando-lhe de instante para instante o que descobre.

—Nada; por ora nada.

Era a unica resposta que surdia, cada vez mais soturna. Até que emfim... o archote lhe cai da mão, e do meio das trevas se ouve retinir desconcertadamente a campainha, signal de apertado lance. Içam-n-o com furia; o temerário vinha pallido como um finado. Acabava de descobrir... lá em baixo, lá muito em baixo, junto ao fundo da cova (que estava, por signal, despovoada), á sua mão esquerda, um portal grande e largo, principio de uma despenhada ladeira, d'onde sahia uma alarida de vozes afflictas, que punham espanto.

Por derradeiro se conta que, pelos arredores do sitio maldito, ressôa, principalmente de noite, uma tão descomposta vozaria de gemidos e gritos feros, que á mais destemida criatura gelariam o sangue.

Esta patranha, que nos afirmam anda geralmente acreditada pelo vulgo das cercanias, teve (ao que se cuida) uma origem assaz verosimil. Os ladrões nocturnos, que, n'este prazo das colheitas, costumam fazer pelas quintas e fazendas abertas a sua fachina, conceberam e espalharam esta nova para afugentar os passageiros, e lhes ficar a boa-venida mais a salvo.

Nem da explicação do boato, nem do boato mesmo, podemos asseverar, senão que em duas cartas (e uma de pessoa conhecida por

sizuda) se lê, sem discrepancia nas principaes clausulas, o que deixamos exposto.

Alguns mettidos a *doutores* nos teem já censurado o referirmos patranhas manifestas. Respondemo-lhes, que n'estas mesmas *patranhas* ha uma verdade; e é: acredital-as o Povo. Assim, pertencem á historia do tempo, e não se devem esconder aos medicos moraes da sociedade.

(Rev. Univ.)

CCIII

Martyrio por amor

(Julho de 1844)

Um saloio de Loires entrava, ha duas semanas, pela officina operatoria de um dentista da Capital, tendo deixado sôlto, á porta da rua, bem por baixo do tremebundo *dente de pau*, o seu burro com a carga de fruta e legumes ainda inteira; o que provava menos desapêgo á fazenda, do que uma vehemente preoccupação de ânimo, que não lhe permittia pensar em damascos e carrapatos.

Com effeito, as lagrimas lhe corriam a quatro e quatro pelas faces, barbudas (apesar do dia, que era sabbado), e pallidas (apesar da soalheira, que era de rachar).

O ôlho exercitado do dentista parisiense, por cujos ferrinhos tinham passado todas as dentuças Imperiaes, Reaes, e Serenissimas, desde S. Petersburgo até Tetuão (como se provava pelos seus mesmos annuncios), descobriu logo... que o pobre aldeão vinha atormentado de infernaes dores de dentes, que o não deixavam dormir havia noites.

Não lhe doía nada. Todos os dentes estavam mais sãos que a sua fruta, alvos como o marfim, e arraigados para resistirem a to-

dos os *boticões* do Universo. A causa das lagrimas, da pallidez, e das barbas grandes, era outra, que elle não descobriu, porque bem descoberta estava, mas que não tardou em explicar.

Havia na sua bôcca, logo á entrada, no *proscenio*, no *primeiro plano* (como diriamos em phrase theatral), dois bellos dentes, em verdade, mas tão escandalosamente deseguaes em grandeza de todos os seus visinhos, que, ainda em tempos *absolutos*, não poderiam deixar de ser extranhados. Os do seu companheiro, que ficára á porta carregado, talvez não levassem a melhor se com elles se medissem.

Este defeito, ou esta vantagem (e vantagem sería indubitavelmente se todo o anno fôra entrudo) tinha-se-lhe convertido em desgraça muito séria: em impedimento de casamento com uma saloiasinha, muito geitosa e trêfega, dona de uma das melhores caras da freguezia, de um cordão grosso de oiro fino, e de umas arrecadas grandes de pechisbeque, ainda mais refulgentes que o cordão; dotada, de mais a mais, com uma duzia de laranjeiras tão frescas e esbeltas como ella, e um talhão de repolhos, que faziam tremer a Praça da Figueira, e eram sempre os primeiros que se vendiam, e por cinco reis mais que os da varzea de Collares. Tudo no seu adorador lhe agradava; mas... aquella ameaça contínua dos dois dentes, que eram a primeira coisa que lhe feria nos olhos apenas elle lhe sorria, causava-lhe uma invencivel repugnancia.

Logo que o rapaz descobriu os motivos

do desamor, que de dia para dia se lhe ia tornando mais sensivel, perdeu toda a vontade de rir; no que lucrou duas coisas: não mostrar tanto os dentes, e inspirar compaixão, que ás vezes é semente de bem-querer. Com egual cuidado evitou o comer diante d'ella, e quasi inteiramente o falar. Quando tinha para lhe dizer alguma fineza muito urgente, era sempre voltando-lhe as costas, ou pondo diante da bocca o seu chapeo grosso. Os suspiros, esses já lhe não sahiam senão pelo nariz.

Este modo excentrico de namorar começava a ser a materia do artigo de fundo de todos os jornalistas verbaes das tabernas do logar. A snr.ª Maria soube-o; picou-se, e com rasão; e para pôr ponto n'umas relações, que a expunham a taes contratempos, despediu o seu arrojado, dizendo lhe que sentia muito perdel-o: que, melhor que ninguem, conhecia e confessava ella as suas boas qualidades; e que, se algum dia por milagre da Senhora da Rocha (com quem lhe aconselhava se apegasse), os seus dentes se lhe reduzissem a um tamanho racional, ella lhe daria a sua mão, o seu laranjal, e o seu talhão de repolhos, se ainda fosse livre.

O saloio, que era espirito forte, como hoje o são muitos saloios (porque a philosophia *voltaireana* passou já da classe média para a infima, como a religiosidade vai subindo da infima para a média), antes de chegar á Senhora da Rocha tinha avistado a emblematica taboleta, a dentuça de pau, que lhe fez lembrar a sua; e um raio de inspiração o forçou a subir, para mandar serrar

os dentes (se fosse possivel), quando não, arrancal-os. O tirarem-lhe um ou dois dentes da bôcca não era tanto, como o renunciar aos seus amores.

O mestre, venerando no seu interior aquelle rasgo de paixão digno das eras heroicas, e desejando vel-o mil vezes reproduzido por honra da constancia masculina, estendeu em cima da meza um braçado de ferramenta de cabos de prata, extremou d'entre ella um serrote parisiense muito airoso, pôz o paciente em acto de ser operado, e começou com um braço energico, pesado, e incançavel, a serrar. O saloio fechava os olhos para o não ver; sentia uma trovoada nos miolos, e uma dor nos queixos, que mais de uma vez lhe vieram ondas de matar o dentista, e fugir. Entretanto, a poder de paciencia, e de chamar a si a imagem de Maria com as suas arrecadas e cordão de oiro, passada meia hora de perseverança do intrépido discipulo de Hipócrates fundador da arte de tirar os dentes... sentiu-se no sobrado o truz de duas lágeas; eram as duas excrescencias, que tinham cahido.

O saloio levantou-se; viu-se ao espelho... e não se conheceu; sentia a cabeça com meros meio arratel de pezo, e o coração radioso de esperança.

Deu 3 pintos ao dentista, que lhe não pedia senão 2, e ainda, de crescenças, um abraço, e alguns arráteis de cerejas para a sua sobremeza. Vendeu na Praça toda a carga pelo primeiro dinheiro que lhe offereceram; montou no seu Pylades, que ao pôr-

lhe os olhos algum tanto o extranhou; galopou para a sua terra, e apresentou-se triumphante em casa da querida, que o recebeu... como bem podeis imaginar.

O casamento vai ser celebrado brevemente. Em quanto elle tarda, o noivo conta a sua historia a toda a gente, rindo com ambos os beiços muito bem arregaçados; diz as finezas de cara a cara; e já não suspira, nem pelo nariz nem pela bôcca. E' o homem mais feliz de todo o Concelho administrativo.

Presume-se que tenciona convidar para seu padrinho o dentista, e, por essa occasião, consultal-o sobre quando poderão nascer-lhes, a elle e á sua futura, os dentes do sizo, que é uma coisa que tem muito empenho de saber.

(*Rev. Univ*)

CCIV

Toiro gigante

(Julho de 1844)

Andava meia Lisboa alvoroçada com a esperança que um jornal lhe déra, de ver no Campo de Sant'Anna, na tarde de domingo 7, o mais façanhoso toiro de que havia memoria, desde os de Hercules e Jasão.

Era gigante na sua especie, que nem os outros, nem campinos, se lhe avisinhavam, e vivia insulado, havia annos, n'uma lezira do Tejo, por onde o appelidavam o *feliz independente*.

O arrancar d'ali e trazer á Côrte este indómito philosopho, era façanha só para Alcides. Concertaram um plano de campanha, ainda assim arriscado, e executaram-n-o com valentia: afugentaram n o dos seus estados, não sabemos como, contra a beira do Tejo; conseguiram fazel-o fugir para a agua; e, logo que perdeu pé do álveo, acudiram barcos, já para isso aparelhados, laçaram n-o por ambas as pontas, e reconduziram-n-o captivo e embolado para a margem. Do seu itinerario para Lisboa faltam-nos os porme-

nores, mas cremos que não seriam de grande monta.

Havia tres dias que era chegado, quando o povo o viu sahir do curro, e lhe festejou o volume com estrondosas palmas; mas o volume foi tudo quanto n'elle houve para festejar.

O bruto, que não encontrára, entre as suas noções de *contrato social*, coisa que se parecesse com o direito de o irem arrancar á sua inoffensiva felicidade, e de o obrigarem por acinte a ser cruel, para divertir a alguns centos de mandriões que elle nunca vira, tinha encordoado tão de veras, que, desde a primeira hora do seu captiveiro, nunca mais comêra, nem tornára a mostrar sombra, sequer, dos seus nativos e silvestres brios. O caso era para endoidecer, ou cahir em demencia; o nosso *feliz independente* cahira em demencia.

De balde toda a manhan que precedeu ao espectaculo se empregou em o espicaçarem e aturdirem. De balde na praça o farpearam, por todos os lados, com a mais diabolica perseverança. A tudo resistiu, como se fôra de pedra. Se lhe serrassem as pontas (ou mesmo com ellas) poderia ser a imagem de um estóico.

Desenganados de que não era possivel tornal-o feroz... como boa parte dos espectadores, mandaram-n-o retirar com ignominia. Se jamais se torna a ver na sua insula do Tejo, grande habilidade hão-de ter os que, pretendendo outra vez logral-o, sahirem de lá com vida.

A tarde comtudo, apesar d'este aguamento do gôsto, não se pode dizer que fosse pêcca: um dos melhores capinhas ficou com o braço desmanchado, e quatro homens do forcado com as costellas dentro, ou pouco menos.

(*Rev. Univ.*

CCV

Uma nau empalmada por uma catraia

(Julho de 1844)

Poucas terras ha, que não tenham sua balda tradicional, uma alcunha, um apódo, um dichote, cuja origem e explicação muitas vezes se perde nas trevas do passado. Lisboa tem o seu *homem das botas*, o Porto as suas *tripas*, Povos o seu *cura*, Friellas o seu *padre Julião*, ou a sua *bota*, o Algarve o seu *Abril e o mez que ha-de vir*, a Redinha a sua *sepultura de Pilatos*, Olhão o seu *orgão*, etc. etc. etc.... Seria uma curiosa obra para fazer o investigar taes origens.

Os da Trafaria não tinham ainda nenhuma d'estas baldas, a que nem os que as atiram, nem aquelles contra quem se atiram, ligam ideia alguma exacta, mas que todas se dão, e se recebem, como affrontas, que muitas vezes produzem desordens, e desordens graves; mas, desde a festa do Espirito Santo d'este anno, que lhes vá lá alguem perguntar *se já levaram a nau a Paço d'Arcos*, e verá um temporal desfeito de pancadaria.

Ora eis aqui a explicação, para os futuros originadores de anexins.

Entre as peças que mais haviam de brilhar no fogo de vistas do Espirito Santo de Paço d'Arcos, avultava uma bella nau, de algumas tres varas, toda prenhe de bombas, foguetes, pistolas, e todo o genero de artificio pyrotechnico. Estava já assente na antevespera da noite, em que tinha de correr triumphalmente sobre as suas quatro rodas, para combater contra um castello, e contra os espectadores mais temerarios que se lhe achegassem... Senão quando, sem levantar ferro nem soltar pano, desapparece, em quanto os festeiros, deitados nas suas camas, sonham os bellos effeitos de tão estrondoso combate.

Foi o caso, que alguns da Trafaria, vendo a nau desguarnecida, e desamparada, e captivados da sua grande elegancia, vieram caladamente pelas trevas, carregaram com ella ás costas até á praia, e, mettendo-a no seu barco, a trasladaram para a costa fronteira, onde a conservam (segundo se diz) encantada, para apparecer e servir em festa de S. Pedro, quando os annos houverem amortecido os odios, ou tornado possivel alguma composição entre aquellas duas potencias maritimas.

(*Rev. Univ.*)

CCVI

Extremos de um cão

(Julho de 1844)

A morte, geralmente sentida, do snr. Van-Zeller, mancebo, gentil pessoa, de excellentes qualidades e numerosos amigos, foi seguida de um acontecimento não unico (nem rarissimo) porém merecedor de ficar mencionado n'esta folha.

Um cão, seu companheiro nos passeios e caçadas, e que ainda o serviu na ultima, em que o excesso de fadiga e calor originaram a molestia, que em poucos dias veio cobrir de luto uma honrada familia, depois de ter sido inseparavel do leito do enfermo, haver presenciado, com todas as mostras de consternação, a sua agonia e passamento, e todos os preparativos para a ultima jornada, acompanhou o sahimento, entrou no cemiterio, viu dar o corpo á terra; e quando curiosos, convidados, amigos, parentes, sacerdotes, e por ultimo os coveiros, tudo havia já desapparecido; quando no funebre logar, ao cahir da noite, não permanecia senão aquillo que não desampara nunca os finados, que são as pedras e os ciprestes, escarvou sobre

o sepulcro recente, quanto lhe bastasse para elle tambem ficar... e deitou-se.

Deu-se por elle, passados dois dias; agonisava já; não lhe restava de fôrças, senão o indispensavel para mostrar a sua invencivel repugnancia a desamparar a nova poisada do seu amigo.

Se é licito, se é justo, se é rigoroso dever, attribuirmos a um animal assim um crepusculo de entendimento, como tambem é necessario concedermos-lhe uma certa memoria do coração, ¡que poeticas saudades não devêram occupal-o, n'essas longas horas de solidão, e silenciosas trevas! ¡Como o pio dos passaros, e o sussurro das plantas, lhe avivariam as ideias das suas caçadas, e do seu caçador, dos seus communs trabalhos e praseres!

¡Quem podesse adivinhar todos os magoados amores, que de certo lhe ferviam lá dentro, e que, semelhantes a um veneno activo, consumiam o vaso que os continha, e, adivinhando os os escrevesse... á fé que encheria uma pagina de muito nova e muito formosa poesia, para envergonhar e instruir a muitos homens!

(Rev. Univ.)

CCVII

Amores de tigre

(Julho de 1844)

De Villa-Real nos escreve o snr. S. um horrendo facto, passado a 20 de Julho ultimo, entre o logar de Donello, e a villa de Provesende.

Caminhavam sós, da villa para o logar, uma velha viuva, com uma filha na primeira flor da mocidade, que era, pela sua honestidade e muitas graças, a soberba dos seus cabellos brancos, a alegria dos seus olhos, e tambem a esperança doirada dos seus derradeiros dias.

Em sitio escuso e embuscado, sem visinho nem passageiro a essa hora, rebentalhes d'entre um moitedo um homem, cujo rosto desconhecido as sobresalta; picam o passo; segue-as chamando; alcança-as; detém-n-as; faz-lhes propostas infames. A moça não córa; enfia, e agarra-se convulsa ao braço da mãe...

Esta porém (até a ave inerme defende com furia a sua prole) rebate, com termos entre supplicantes e ameaçadores, os convites, as ordens, as intimações peremptorias do covarde salteador de mulheres, do deter-

minado assassino da honra e da innocencia. Aos primeiros desejos, se ajuntam no coração do malvado os da vingança; arranca a ovelhinha do lado materno; derruba a sua fraca defensora; procura arrastar a victima para fora do caminho; as duas lutam e gritam; o porfioso da luta o desespera; os gritos o intimidam; o tempo corre; se alguem sobrevier, não só a preza lhe haverá escapado, mas está perdido. A esperança de vencer já o desampára; só lhe fica a de vingar-se; apunhala a filha; derruba novamente e espanca a mãe... e desapparece.

Uns cavadores, que por ahi acertaram de passar uma hora depois, foram os que descobriram este quadro espantoso: a donzella, estendida sem sentidos n'um charco do seu proprio sangue; a mãe, debruçada sobre ella, sem dar accôrdo de vida, e tapando-lhe as feridas com uma das faces, e com ambas as mãos.

Levaram-n-as para o logar proximo, onde se lhes deram todos os possiveis soccorros. A mãe tornou em si; mas a respeito da existencia da filha, são muito graves os receios.

(*Rev. Univ.*)

CCVIII

Dias de Jejum

(Julho de 1844)

A proveitosa reducção, que pelos meios canonicos se acaba de fazer em o numero dos dias santos para a Egreja Lusitana, [1] permitte-nos esperar que pelos Prelados do Reino, ou pelo Summo Pontifice, no caso em que elles só por si a não queiram effectuar, o nosso Governo facilmente conseguirá a diminuição dos dias de jejum.

[1] Em 11 de Janeiro de 1844, sob o titulo de *Novas reflexões* e *attendivel proposta acerca dos dias santos*, exhortava ao Governo o Redactor da *Revista Universal* a sollicitar da Santa Sé a diminuição dos dias de obrigatoria festa religiosa. O sensato alvitre foi adoptado pelo Ministro da Justiça em 15 de Abril; entrou-se nas negociações indispensaveis com a Côrte de Roma. Em data de 28 de Maio officiava o Ministro de Portugal n'aquella Côrte, que Sua Santidade annuira á representação do nosso Governo, para a suppressão dos dias santos dispensados, diminuição dos de guarda, e transferencia das festas dos Oragos para os domingos. Esperava-se para dentro em pouco a expedição do respectivo Breve pontificio.

Os Editores

*

Bem sabemos que a abstinencia, assim de quantidade como de qualidade, de alimentos em certos dias ou prasos do anno, não só é um preceito ecclesiastico, mas tambem um dictame hygienico, já antes do Christianismo entendido e praticado por muitas seitas philosophicas; que os Mahometanos, e os povos idólatras da India e da China o costumam, como o costumavam os antigos Hebreus; e que não faltam nos Santos Padres, e nos Concilios, exhortações e cânones em favor d'esta prática, tão prestadia á saude como aos bons costumes.

Todavia, não é menos certo que o preceito da abstinencia, no Catholicismo, não é d'aquelles que, pela sua intrinzeca essencialidade, não consentem alteração. Tanto assim, que o numero e rigor dos jejuns, não só de Reino para Reino catholico é deversissimo, se não tambem, muitas vezes dentro no mesmo Reino, de Bispado para Bispado, e dentro no mesmo Bispado de seculo para seculo.

Logo, o pretender introduzir n'esta parte reformação, nem será novidade inaudita, nem temeridade, como se respeitem as regras, se não quebrem os vinculos da obediencia e sujeição, se não levantem, os que só devem obedecer, para colherem o fruto prohibido, mas o recebam, livremente offerecido, da mão de seus naturaes dispenseiros, que são os Prelados.

O unico ponto, que se deve maduramente examinar, é se sim, ou não, convém, no estado e circumstancias presentes, alliviar os fieis de alguma parte d'esta obrigação.

Quanto a nós, entendemos que sim; e o porquê, eil-o aqui em poucas palavras.

*

Perto de cento e quarenta são os dias de abstinencia do nosso calendario; numero, que, já se vê, não pode, pela sua exorbitancia, conformar com o diminutissimo fervor da nossa edade. O resultado é que (geralmente) não só se não fazem estes cento e quarenta sacrificios, mas até se não fazem nenhuns de tal genero, por tantos se haverem exigido.

O primeiro passo no caminho da desobediencia leva, pelo commum, á desobediencia absoluta e assentada. Logo, para esta maioria, já de facto rebelde, e que já não pode, nem pela suasória, nem, e muito menos, pela fôrça (porque o tempo da fôrça em materias puramente do espirito está passado), ser reconduzida á primitiva observancia d'esta prática disciplinar, esta grande maioria lucraria muito em ser alliviada das consequencias de um peccado, que ella já não quer (nem pode) deixar de commetter.

*

Não nos venham aqui com a resposta feitiça, que anda sempre á mão na algibeira dos fanaticos:

«Se porque esta Lei é desobedecida, deve ser tirada, tirem-se todas as Leis a que se desobedece, e cahiremos na anarchia religiosa e social.»

Não; as Leis universaes, que teem por base a natureza real das coisas, não estão no caso

das particulares, em que mil circumstancias fortuitas influem, que se deixam desobedecer pela maioria, e que, no seu mesmo progressivo enfraquecimento, estão descobrindo a sua mortalidade. Os preceitos do decálogo, nem a Egreja os poderia revogar. O matar, o adulterar, o furtar, o desacatar pae e mãe, hão-de ser eternamente actos illícitos, porque as Leis que os condemnam ambas são divinas e irrevogaveis; a saber: a Natureza, demonstrada pelo sentir commum, e a Vontade de Deus, expressa pelos seus Mandamentos escritos.

¿Poderia dizer-se outro tanto d'este, e de alguns outros Mandamentos da Egreja?

O que só Deus immediatamente pôz, só Deus o pode tirar, e não o tira; mas o que foi posto pela Egreja em certas e determinadas circumstancias, bem pode, acabadas ou mudadas essas circumstancias, ser por ella abolido, ou reformado.

*

Mas a nossa respeitosa representação não se funda só n'este primeiro argumento, de estar o preceito, para a maioria, morto ou abolido de facto.

Concedendo que ha ainda muita gente, que o venera e d'elle se desempenha, entendemos que, por isso mesmo, se deve ainda mais depressa decretar a, de todos desejadissima, reducção.

Individuar aqui explicações, sería repetir o que todos sabem; em geral, apenas diremos, que cento e quarenta dias de magro

forçado, não só para as terras sertanejas, mas ainda para o povo pobre das costas do mar, são um erro economico, e talvez outro hygienico não menor.

Quem tem vivido pelo interior das provincias, sabe o como em dias taes se alimenta o Povo, cujo maior banquete, quando transcende da sardinha e cavalla, quasi sempre derrancadas, indigestas, e reimosas, é o bacalhau, e com preferencia o estrangeiro.

¡Quantos centenares de contos de reis nos não pescam, n'estes cento e quarenta dias, n'estas duzentas e oitenta refeições de tantas mil casas, os nossos doirados pescadores da Terra-Nova!

Não temais que os Protestantes inglezes, com as novidades religiosas que nos pretendem introduzir, mandem tambem alguma homilia contra os dias de jejum. Pelo contrario: esta prática, bem que para si a não queiram, hão-de procurar, por via dos seus doutores evangelisantes, arraigal-a cada vez mais no seu Potosi de Portugal.

O Phantasma inglez está de dia e noite diante de nós, com a Biblia falsificada na mão esquerda, e o bacalhau na direita; repulsemos um e outro presente; a sua Biblia por nós mesmos, o seu bacalhau pelos nossos Pastores e defensores. Tambem cá temos bacalhau, tão são como o seu; tambem cá temos Biblia, mais san do que a sua. Que se vão, nas boas horas, com ambos os seus presentes de Dânaos.

(Rev. Univ.)

CCIX

Immortalidade material

(Julho de 1844)

A ancia da immortalidade é congénita á nossa natureza; em tudo, e sob mil aspectos diversos, se patenteia.

Queremos perpetuar as nossas acções em monumentos; o nosso nome, pela escrita; o nosso corpo, tomando á Natureza com que lhe vençâmos a potencia destruidora.

Uma só pyramide do Egypto prova tudo isto.

A vontade de um homem revolve todo um povo n'uma edificação de muitos annos. ¿E que deixa elle ao mundo, ao cabo de tanto lidar? pedras juntas para attestarem aos seculos, que elle existiu; jeroglyphicos, para lhes dizerem (se podérem) o que elle pensou; e dentro de tudo aquillo uma múmia, protesto do seu mesmo corpo contra a destruição.

O embalsamar era no Egypto uma necessidade religiosa, um documento, se outros faltassem, da crença na immortalidade.

Nos povos modernos, em quanto christãos, o dogma da infallivel ressurreição physica fez olhar como supérfluo este cuidado dispendioso e importuno; mas o que o princi-

pio religioso já não faz, tornou em parte a fazel-o a cubiça da sciencia. Não se embalsamou para a veneração, mas embalsamou-se para o estudo. Para elle se desejaram enthesoirar todas as partes do cadaver humano, e os cadaveres dos outros animaes.

*

Desde os tres systemas de embalsamar usados pelos Egypcios, e de que um historiador nos conservou a descripção, innumeraveis outros se haviam tentado, experimentado, e succedido alternativamente, até ao processo de Monsieur Ganal, o injector, e ao de Monsieur Pigné, o mergulhador em creosóta, processos que os nossos leitores já conhecem. [1]

O Italiano Secato possuia um segredo de sua invenção, com que petrificava qualquer substancia animal, dura ou molle. O seu segredo, porém, morreu com elle.

Baldacconi, preparador do Imperial Museu de Vienna, surte hoje o mesmo effeito com o sal ammoniaco unido pela via humida ao sublimado corrosivo, pelo mesmo processo que se emprega para fazer o sal triple, a que chamam d'Alembroth.

Os primeiros objectos, que elle mergulhou n'uma solução d'este sal, sobrenadaram a principio; depois foram-se afogando, manso e manso, até que, dias depois, tinham poisado no fundo da vasilha. Sacou-os, e viu as suas esperanças realizadas: tamanha solidez

[1] Artigo 2:935 da *Rev. Univ.* — T. III.

tinham ganhado, que podiam ser polidos; o martello só muito a custo entrava com elles; e quando se chegavam a quebrar, era em lascas angulosas; o seu pezo especifico excedia cinco ou seis vezes ao da agua; eram, emfim, tal materia, e tão parecida a mineral, que, em se lhes batendo, davam som.

As partes anatómicas ou animaes, que sahem de tal banho, conservam as suas cores proprias, não padecem alteração alguma, e ficam logo prontas para guardar. Entre os muitos e perfeitissimos preparados, que elle tem feito para aquelle Museu, até os ha de lesmas, bichos de seda, persovejos, e muitos animaes gelatinosos. Por isso recommenda, e com a maior affoiteza, que experimentem, e adoptem logo em toda a parte, a receita, para enriquecerem os Museus de Historia natural, e os Gabinetes anatómicos, e até para satisfação de curiosidade, e mil usos de sala, toucador, etc.

(Rev. Univ.)

CCX

Portento musico

(Julho de 1844)

O serão de 21, no theatro de S. Carlos, foi uma demonstração brilhante do que pode a educação, dada por um pae eminente nas materias que ensina a seus filhos. O distinto cavalheiro milanez emigrado, o snr. Fontana, harpista da nossa Opera, obtivera essa noite por beneficio da sua imberbe e interessantissima progénie.

O programma annunciava, entre outras coisas, que ouviriamos:

Variações de bravura, de piano e orchestra, sobre motivos do *Pré aux clercs*, de Herz, executadas pelo joven Achilles;

Terceto de duas harpas e piano executado pelos tres meninos;

Terceto de duas harpas e piano, sobre motivos do *Bravo*, executado pelos jovens Achilles e Galeazzo (o primeiro e segundo irmão) e seu pae;

Variações de bravura sobre motivos da *Favorita*, para harpa, com acompanhamento de orchestra, executadas pelo joven Galeazzo, compostas e dedicadas ao executante por seu pae;

Dueto da opera *Clara de Rosenberg* (vulgo *das pistolas*), cantado pelos jovens Achilles e Galeazzo vestidos em caracter.

O programma foi preenchido além de toda a espectativa, e com assombro dos concorrentes.

A facilidade, a precisão, e o gôsto, que o pae soube transmittir á sua amavel prole no uso d'aquelles dois difficillimos instrumentos, o piano, e sobretudo a harpa, excitaram o mais vivo enthusiasmo; e quando se via que o mais velho contava apenas 11 annos, o segundo 9, e o mais pequeno 5, e este, á sua parte, só quatro mezes de estudo de harpa, custava a conceber a possibilidade do que se presenceava; mas a relutancia da rasão contra o testemunho dos olhos e ouvidos acabava, e o mysterio se explicava por si mesmo, se a attenção se transportava, um momento, das pessoas dos filhos para a do pae.

Todo elle era amor e desvelo; elle, quem os apresentava, os collocava, os exforçava, os regia e inspirava com o gesto, com os olhos, com o sorriso, elle, a divindade presente, visivel, manifesta, que operava todo o prodigio; mas elle tambem, o que (sem ser directamente applaudido) recolhia no coração todos os applausos. Sentia sobre a sua alma o doce pezo, e as celestes fragrancias, das corôas que se lançavam a todos tres, e que os dois mais velhos, como dois seraphins a um anjinho mais formoso, offereciam todas ao Benjamim da familia, o qual sorria para elles, não porque eram gloria, mas porque eram flores, e as collocava junto ao peito para sua mãe.

A ideia de anjo aqui não é poesia; ou, se poesia é, a scena tornou poetas a todos os espectadores.

A harpa assim dedilhada por quem nem altura tinha para do chão se medir com ella, nem braço para a abranger, nem mais valentes dedos para a pulsar do que uma mãosinha de leite e rosas, que ainda hontem brincaria com o seio materno, e d'ali brotando melodias arrebatadoras...¡ que mais expressivo quadro das delicias do Empyrio sonhadas por christãos poetas! Todas as damas os haveriam devorado com beijos; nenhum dos homens que os palmeavam deixou de sentir um abalo de inveja aos gosos secretos e inefaveis do progenitor.

¡Que tres musicos distintos se não adivinham já, sem grande metamorphose, n'este apertado e mimoso ramalhete de tres botões!

(*Rev. Univ.*)

CCXI

Viuvez trágica de um homem

(Agosto de 1844)

J. D. M., Tenente da 2.ª secção do Exercito, consolava-se de sua pouca fortuna com a ternura de uma esposa moça e gentil. No meio da solidão de Mafra, onde viviam, ella só lhe era sociedade, mundo, e porvir.

Despojou-o a subitas a morte d'esta sua columna de fogo, sua nuvem refrigerativa, sua arca milagrosa, sua chuva de maná, e sua fonte dulcissima no deserto da existencia.

Estremeceu do silencio que o cercou repentino. Voltou de relance a luz do entendimento para o futuro, e apagou-se-lhe.

Por entre as trevas do ânimo, o fogo do coração rebentou mais violento; começou a soltar clarões ameaçadores, como um vulcão a travez do escuro da noite. Receou-se que o progresso do mal o conduzisse a alguma tremenda catástrophe.

Desde a hora, em que por fôrça o haviam arrancado d'entre os braços immoveis da finada, para lh'a esconderem sob a terra, não tornára a conhecer ninguem; perdêra ou confundira todas as ideias, excepta a dos logares onde costumava vel-a, e onde ainda

a via, a ouvia, a beijava e a abraçava com alvorôço, com fé, com perfeita illusão, mas sem vislumbre de alegria; até que, atenuado de commoções intimas, se baqueava em terra, e ficava gemendo miseravelmente por espaço de horas.

Conheceu-se que o aspecto de taes logares acabaria de o matar; assentaram em o arrebatar d'ali.

N'um dos dias do principio de Julho, trouxeram-n-o pois, sem resistencia nem consentimento, para Paço d'Arcos, onde se lhe tinha prevenido uma casinha baixa e clara, e uma mulher edosa e caritativa para o servir e vigiar.

De balde a boa velha pôz por obra todas aquellas delicadas e benevolissimas malicias, que só mulheres sabem, e costumam, para mitigar dores insoffriveis. Tinha perdido de todo o dormir: quasi de todo o comer; só o falar não. De continuo o praticava, em voz ora surda ora clamorosa, com o unico ente que no seu pensamento existia, e em quem tudo a seus olhos se transformava.

A morte de sua mulher não entrava para elle na ordem dos possiveis; sua mulher estava ausente, perdida, occulta, encantada; *morta*, não; não podia ser; repugnava com a existencia de Deus, e com a d'elle mesmo.

A qualquer hora do dia, ou da noite, fugia de casa, com a cabeça descoberta, ás vezes descalço, e lá se ia, pelos sitios mais povoados, como pelos mais solitarios, dando brados de cortar a alma, e chamando por ella de contínuo...

Para os rapazes era este delirar um deli-

cioso passatempo. Para o tornarem mais salgado, chegavam-se a elle, com gesto de amigavel confidencia (coisa, que n'outra edade, e com principios de mais apurada e humana educação, mereceria galés para toda a vida), e lhe diziam:

—¿Queres saber onde está tua mulher? anda comigo, que eu t'a amostro.

Elle lhes beijava as mãos e as cabeças, e com os olhos arraiados de bemaventurança os seguia. N'uma casa, n'uma loja, n'uma rua, lhe mostravam a primeira mulher, velha ou moça, que tinham elegido para a farça sem ella o saber, e rindo se punham de longe a contemplal o.

O coração do pobre doido lhe transtornava os sentidos: via as feições, ouvia a fala de sua mulher; abraçava-a, rindo e chorando ao mesmo tempo; perguntava-lhe, com amoroso queixume, d'onde vinha, e por que o tinha deixado tão só por tanto tempo, e por que lhe não respondia quando elle a chamava: que o não desamparasse mais; que, se outra vez quizesse fugir, fugiriam ambos juntos, para onde fosse, para o fim do mundo, por soes ou por chuvas; que elle a levaria ás costas quando ella cançasse, a guardaria quando ella dormisse, a amaria sempre, como no dia do seu casamento....

Mas... esta illusão durava pouco. Aquella que assim se via entregue a um alienado, repellia-o com terror, e clamava que o prendessem e a livrassem. Então, cahia de repente no seu engano, e se retirava consternado, para ir procurar n'outra parte....e recomeçar de novo a mesma scena.

Estas consecutivas impressões, tão diversas e tão violentas, e o calor, e a fadiga, e a inédia e vigilia já de dias, o renderam a final. Cahiu sem sentidos.

Tinha-lhe o sangue confluido para a cabeça: estava desfigurado e negro. Sangram-n-o; o liquido que sai é escaço, de apparencia requeimada. Tornou apenas em si; foi conduzido para o Hospital.

De temer é, que será o seu mal tão sem remedio, como a causa que o produziu. As orações de uma esposa, tanto e tão perfeitamente amada, já talvez a estas horas tenham obtido de Deus o descanço da terra para aquelle pobre corpo, e as delicias das bôdas sem fim para o seu espirito.

(Rev. Univ.)

CCXII

Somno pesado

(Agosto de 1844)

Quando ha dias se representava no Salitre, pela primeira vez, o *Horrivel episodio da escravatura na Martinica*, a snr.ª Rugalli, mãe, joven pupilla, ou o que quer que fosse, de um branco senhor de roça, tinha de ser furtada (não sabemos bem para quê) por uns pretos, que se haviam de abala com ella para o sertão. Como quem mal não usa mal não cuida, dormia regaladamente na sua rêde, quando os raptores appareceram. A negra fortuna da infeliz, tão negra como as caras e consciencias d'elles, fez com que não os sentisse aproximar-se, levarem a mão á rêde, desprenderem-n-a d'onde estava dependurada, e carregarem-n-a assim aos hombros.

Um incidente, que não estava nas rubricas da peça, occorreu n'este lance, para dar a mais alta ideia de quanto a dama se achava possuida do espirito dormente do seu papel. Quebram-se as azelhas da rêde, e ella cai massiça com as costas no sobrado, acordando a poeira de todo o palco, e dando ecco até aos ultimos recantos das escotilhas e camarins. ¡E nem assim acordou! ¡e nem de-

pois, ao estrondo das risadas de ambas as plateias, e de todos os camarotes! Era um somno magnetico, um somno dos sete dormentes sommado n'um só corpo, ou a mais heroica abnegação da individualidade physica em homenagem á Arte.

Os pretos, a quem este successo inesperado a principio descoroçoou, tornaram logo em si, pegaram outra vez na rêde como poderam, e lá a levaram... provavelmente sem saberem ainda, se deveria ser para a cova, se para a cama.

(*Rev. Univ.*)

CCXIII

Furto restituido por arte magica

(Setembro de 1844)

Um soldado que serve no telegrapho junto a Cascaes, recolhendo-se ao seu quarto n'um dos dias da semana pretérita, acha de menos um saquitel, onde tinha aferrolhadas umas vinte e tantas moedas, fruto da sua longa e virtuosa economia.

¿Imaginar-se-ha que foi para elle um golpe de ráio? Pelo contrario: sorriu, e ficou sereno como d'antes.

Os camaradas e amigos seguiram o geral costume em taes lances, que é agravar penas ao desgraçado, procurando convencel-o de que a sua desgraça fôra obra de sua culpavel imprevidencia. O nosso *estoico* só lhes respondeu, que nunca, em dias de vida, tivera coisa que menos cuidado lhe désse, porque sabía de certo, que o seu dinheiro todo até ao ultimo real, lhe havia de tornar á mão, e mais cedo do que elles pensavam. Riram todos d'aquella que julgavam fé exagerada no responso de Santo Antonio, e deixaram-o, sem poder tirar d'elle mais nada, do que a formal afirmação de que o saquitel havia de tornar pelo mesmo caminho.

*

Passados tres dias, um homem da villa de Cascaes, que viera a Lisboa com uma carta e recado do nosso veterano, o qual para isso o ajustara por 480 reis, contava (em segredo) nas tabernas e soalheiros da villa, a quantos e quantas o queriam ouvir, a singular historia d'aquella sua jornada:

Chegado com a carta a Lisboa, achada a rua, o numero da casa, e no ultimo andar d'ella a pessoa a quem era o sobrescrito, vira-se em presença de uma velha muito velha, que n'umas aguas-furtadas muito escuras vivia só. Esta, ainda antes de romper a obreia, lhe dissera formaes palavras:

—Bem sei, bem sei: é o soldado Fulano, que deseja a restituição do dinheiro que lhe furtaram em tal dia, em tal hora, e em tal sitio. Diga-lhe lá que durma descançado; que o dinheiro lhe ha-de apparecer no dia tantos, de madrugada, penduradinho na aldraba da porta.

Pôz-se depois a ler a carta; franziu-se-lhe a testa, e disse:

—Pede-me elle aqui, que bote eu cá uma sorte, para ficar o ladrão marcado, como lhe fiz ao outro, que lhe furtou, ha annos, um pouco de dinheiro no Alemtejo, que tem a cara retalhada para toda a sua vida. Diga-lhe lá, que isso é que eu não faço, sem que me elle dê uma moeda. Se quizer, que a mande; se não, não temos nada feito. Vá com Deus. Lá o dinheiro, diga-lhe que o procure na aldraba, na madrugada do dia que já lhe ensinei. Se lá não estiver n'esse dia, não se as-

suste, que no dia seguinte o achará, e a mão do ladrão tambem, mettida dentro do mesmo sacco.

*

Fez ruido e terror o caso, contado na villa e visinhanças; e maior assombramento ainda o êxito, que foi: amanhecer no dia prescrito o peculio do soldado, inteiro, e entregue (sem se saber por quem) no sitio e pelo modo prophetisado.

*

Eís aqui um bom fruto da arvore da superstição. Soldado mais experto... nunca se encontrou. ¿Velhacaria tão sagaz não sería inspiração do telégrapho?

(*Rev. Univ.*)

CCXIV

O segredo do Capitão Warner

(Outubro de 1844)

Leu-se, em o nosso artigo 3:331, [1] a experiencia do infernal invento do Capitão inglez Warner.

O que, porém, nem todos sabem ainda, é que já, durando o cêrco do Porto, e sendo Ministro o Ex.mo Snr. Visconde de Sá da Bandeira, este mesmo Capitão viera offerecer ao senhor Duque de Bragança vender-lhe um segredo (que não devia ser outro) para a destruição pronta e total da esquadra inimiga.

O êxito provou agora, que o homem não era um charlatão; e demasiadamente o provou, que toda a Europa ficou sobresaltada de ver uma tal arma, proxima a entrar nos arsenaes de uma tal Nação, que não era muito provavel fosse tão escrupulosa como Luiz XV, que, offerecendo lhe um Dupré,

[1] Intitulado *Terrivel experiencia de uma nova força explosiva*, e assignado por Antonio Ribeiro Saraiva.

Os Editores.

artífice de joias, uma receita, por elle a caso descoberta quando procurava fabricar diamantes artificiaes, com a qual se podia instantaneamente abrazar quanto apparecesse, o honesto e humanissimo Rei largamente o peitou, para que nem a ensinasse a elle, ou a quem quer que fosse, nem por sua morte deixasse rasto d'ella.

As historicas tradições do *fogo-greguez*, com quanto temerosas, e por ventura exageradas, nada tinham que ver com o que mais de trinta mil testemunhas haviam presenciado, ali junto a Londres, a 17 de Junho ultimo. Era caso para que, em toda a parte, os sabios que tivessem patriotismo (ou simplesmente humanidade), empenhassem todo o seu saber e engenho, para se contraminar aquella diabolica omnipotencia de uma Nação, que verdadeiramente não crê senão em si mesma, e que tantas vezes tem mostrado não reconhecer por *direito*, senão a *força*.

Um Bruxellez, por nome Jobard, grande sabedor de tudo quanto respeita á pyrotechnia, publica a todo o mundo o em que consiste o terrífico segredo do grande algoz-por-atacado, o Capitão Warner.

O seu instrumento, diz elle, é um foguete á *Congrève*, que tem em cima um canudo de ferro, que leva uma ou duas libras de *fulminato de mercurio*, e sobre elle a carga ordinaria do foguete, que excede em quantidade á dos outros foguetes usados na guerra. Sai este satanaz por um cano collocado á flor da agua, arrojado por uma valente projecção, e lá se vai cravar no costado de um

pobre navio, como a setta da côrça de Virgilio:

...hæret lateri lethalis arundo.

Ali, chegando o fogo ao fulminato, este rebenta, e faz o que na supracitada descripção vos assombrou.

Todos os Arsenaes do mundo deveriam fazer experiencias para verificarem esta theoria de Jobard, e cada um procurar ainda, por sua parte, *aperfeiçoar* o damnado invento.

(*Rev. Univ.*)

CCXV

O Mondego no Tejo

(Outubro de 1844)

Segunda-feira, 28, pelas 3 horas da tarde, estando o tempo formoso, e o Arsenal da Marinha em grande pompa, achando-se presentes Suas Majestades e Altezas, muitas pessoas da Côrte, numero crescidissimo de senhoras, cavalheiros, e povo, sahiu do estaleiro ao som de bandas de musica, palmas, e vivas, o bergantim «Mondego», começado a construir haverá seis annos.

Estreou-se nas aguas com tanta ufania, que vingou com o seu primeiro correr até quasi á opposta margem; mas, se fôramos supersticiosos, como os antigos Romanos, teria de perecer logo queimado, porque ao descer do berço esmagou um homem, deixando, no meio das alegrias geraes, uma viuva e orphãos ao desamparo. Para lhe converter em boa a má estreia, deveriam estes orphãos, e esta viuva, encontrar na mão da Patria por esmola uma fatia de pão.

(*Rev. Univ.*)

CCXVI

Nova machina infernal

(Novembro de 1844)

Disséreis que o estrépito industrial das cem mil machinas de vapor da Inglaterra acordou o diabo; e que este, rompendo lá de baixo a travéz do ferro e carvão d'aquella Ilha, e vindo presenciar aquelles festins das artes, que matam de fome a tanto povo, se enthusiasmára com o delicioso do espectaculo, e instituira ajuntar a tantos inventos outros novos, de sua lavra e com o seu cunho.

As experiencias propostas do Capitão Warner (vêde o nosso artigo 3:331), e as de Lord Cochrane (vêde o artigo 3:458), são já conhecidas dos nossos leitores. Eis aqui outro invento mais recente apresentado ao Almirantado inglez por M.r Nasmyth.

E' um barco de vapor, de ferro, á prova de bomba, movido por um parafuso de Archimédes, e com um valente talha-mar á proa, mais comprido do que ella, e occulto debaixo da agua A velocidade é de 6 milhas por hora; assim corre contra um navio, arromba-o largamente pelo casco, e submer-

ge-o; e apoz elle outro, uma esquadra, e quanto se lhe offereça.

Calcula todo ufano o muito engenhoso e o muito esquartejavel inventor, que a fôrça com que o seu *bonito* marra n'uma pobre embarcação, produz um choque, egual ao que padeceriam dois navios, quando se chegassem a encontrar, correndo de oppostos lados, cada um com a velocidade de 10 milhas por hora.

Se houvesse uma Camara Municipal de todo o mundo, devia pôr a premio de muitos milhões de cruzados as cabeças inventivas d'aquelle feitio.

(*Rev. Univ.*)

CCXVII

Gemidos mysteriosos

(Novembro de 1844)

Muitos mezes ha, que n'uma casa da rua da Procissão n.º 76 se começaram a sentir todas as noites, pelas 11 horas pouco mais ou menos, uns gemidos, longos, fortes e afflitivos, que, depois de se repetirem bem claros, iam desfallecendo, e degenerando n'uma especie de resfôlego cançado, que não tardava em se esvahir, deixando apóz si o silencio mais profundo, e nos ânimos dos ouvintes um terror involuntario.

As primeiras que da novidade deram fé, foram as criadas. Tinham o seu aposento no ultimo andar; e era precisamente de traz de uma das paredes d'esse aposento, que os sons pareciam proceder. Não se aterraram a principio, atribuindo-os a algum enfermo, ou a algum sonhador de pesadellos, que poderia haver na casa proxima. Entrou, porém, a dessocegal-as a tão pontual repetição.

Falaram; os que nada tinham ouvido, zombaram d'ellas; mas, dentro em pouco, todos (como ellas) tinham ouvido, e já ninguem ria.

Pergunta-se aos visinhos, se ha em suas ca-

sas doentes, de quem se possam julgar aquelles gemidos; os visinhos, espantados, respondem, que eguaes percebem elles ha muito, e que os suppunham provindos d'esta propria casa d'onde agora os interrogam.

O enigma era de um caracter sinistro. Todas as historias tradicionaes de cárceres privados, de sevicias covardes commettidas na escuridade, foram recordadas, como inducções para conjecturas; fizeram-se muitos *romances,* mas a verdade permaneceu occulta, e os dolorosos gemidos não descontinuaram.

Finalmente, pessoa que já por vezes os tinha ouvido, estando uma noite no seu jardim n'uma rua proxima, ouviu-os tambem, e exactamente os mesmos; e calculando a impossibilidade de assim se perceberem, a distancia de mais de trezentos passos, simplices gemidos humanos sahidos de um quarto, que certamente se deveria suppôr fechado, pressuppôz que só á voz de uma grande fera se deviam attribuir; e para logo conjecturou, que o inculpavel autor de tantos terrores e fabulas puerís não podia ser outro, senão o leão, que assiste a boa meia-légua, na jaula da quinta das Laranjeiras.

Logo na seguinte noite foi esta suspeita verificada, acertando-se chronometricamente tres bons relogios, ficando dois nos dois diversos sitios onde os sons se tinham ouvido, e indo com o terceiro, para o pé da residencia do leão, pessoa que mais de uma vez os escutára. Ruge o rei dos animaes; á mesma hora, só com a differença de alguns segundos para mais tarde, ressôam os gemidos.

Por nos constar que em muitas casas do bairro de Santa Isabel, e até numa da calçada dos Paulistas, tem havido as mesmas illusões e sobresaltos, houvemos por bem vulgarisar esta noticia.

(*Rev. Univ.*)

CCXVIII

Debaixo das flores a áspide

(Novembro de 1844)

No dia 12, pelas 11 horas da noite, uns d'estes Orpheus ambulantes, de flauta, ferrinhos, e bandurra, bateram á porta de certa rapariga, moradora na travessa da Conceição, á praça das Flores, que provavelmente (contra o seu costume) recusou abrir. Tanto porém teimaram, que cedeu.

Ficaram alguns na rua; outros entraram; e achando dentro o Gallego Antonio Taboas, 2.º capataz do chafariz da rua do Arco, com quem algum dos do rancho, segundo parece, trazia contas atrazadas de ciumes, o fizeram sahir. Ia já transpôr o limiar, quando de fora lhe veio corrida uma facada pelos peitos, que deu com elle em terra agonisante. Em quanto durou a agonia, que bem curta foi, para lhe encobrirem os gemidos tumultuou mais aceza a folia e musica da serenata. Era um homicidio; ¡e a visinhança não sentiu senão uma festa!

Os do descante, pondo se outra vez com a sua musica em som de marcha, abalaram-se a seu salvo, com ar de quem vinha de uma boda, e deixando um cadaver apóz si.

A propria rapariga, diz-se, depois de tirar de casa tudo quanto possuia de mais valor, foi n'essa noite ao chafariz, contar aos companheiros do morto o succedido; feito o que, desappareceu. Acrescenta-se tambem que já foi preza, havendo sido denunciada e entregue por outra mulher para cuja casa se refugiara; e que dos autores, complices, ou testemunhas, da malfeitoria, dois já a Justiça egualmente os colheu ás mãos.

Judiciosamente diz *O Patriota* por esta occasião:

«Levantamos um brado para que a Autoridade pública ponha côbro a taes serenatas nocturnas, porque ellas, as mais das vezes, servem para encobrir muita maldade, e dão motivo a rixas, cujas consequencias se não podem avaliar».

(Rev. Uniy.)

CCXIX

Como n'um volver de olhos se podem trocar as scenas d'este mundo

(Novembro de 1844)

Na manhan de 21 o snr. Jorge Van Zeller, residente com sua esposa n'uma casa do arrabalde, junto a S. Sebastião da Pedreira, toma a sua espingarda de caça, e desce, como para se espairecer na sua quinta subjacente.

Pouco depois... ouve-se um tiro; era costume; não fez estranheza.

¡Que espectáculo, porém, se não apresentou, passado algum espaço, aos olhos de toda a familia! O snr. Van-Zeller entrava em casa todo banhado e escorrendo no proprio sangue, sem olhos, sem rosto, desconhecivel, com passo vacillante, palpando o caminho com a espingarda e com o braço estendido, e chamando com voz dolorosa e imperceptivel por sua esposa ...

Não tentemos descrever esta scena; nem os mais ferinos corações a sofreriam.

Chamou-se a toda a pressa um confessor. Passadas poucas horas, já não era d'este mundo o que tantos amigos, tantos bens de fortuna, possuira, e merecêra possuir.

¿Foi aquillo um suicidio premeditado? ¿uma falta de cautella? ¿ou mero accidente fortuito? Não o sabemos, nem cuidamos que jámais ninguem o saberá.

Deus haverá tido misericordia da sua alma....

(*Rev. Univ.*)

CCXX

Segundo fogo da Magdalena

(Novembro de 1844)

Passava das 3 horas da manhan de 21 d'este Novembro. Era o quinquagesimo anniversario do calamitoso incendio chamado «da Magdalena», de que nossos avós ainda com lástima se recordam, e no qual uma vingança de ciume fizera de trinta victimas humanas o seu holocausto [1].

Toda a Cidade dormia, sepultada na mais profunda escuridade. Sobre ella o ceo, não menos tenebroso, se desatava em torrentes de chuva, que o vento da barra fazia retinir estrepitosamente contra as frontarias e telhados. Uma faisca descuidada, e não percebida por ninguem, preparava, a occultas, n'um d'estes edificios tão escuros, tão alagados, e tão açoitados do temporal, um incendio, que toda a Cidade tinha de contemplar com horror, e cuja trágica memoria tambem se não apagará em cincoenta annos.

[1] Engano. O grande fogo da Magdalena, a que a h se allude, fôra a 28 de Janeiro de 1787; havia pois cincoenta e sete e não cincoenta annos. Veja-se a mesma *Revista*, Tomo IV, pag. 249.

Os Editores

Esta casa, condemnada entre tantas mil a uma funesta celebridade, era na rua da Magdalena o predio 121.

Ao estrondo do vento e chuva tinha acrescido o de amiudados trovões, que retumbavam ao longo das ruas desertas, quando ao estalido das chammas, ou áquelle cheiro peculiar e picante, que é um dos symptomas que denunciam esta peste dos edificios, ou pelo fumo que já inundaria os quartos, foram acordando atemorisados os moradores de todos os quatro andares. Correram á escada... e descobriram, em vez d'ella, apenas abriram as portas, uma desmedida espiral de labaredas, que já em grande parte a senhoreava e crescia rugindo, torcendo-se e pulando, como uma serpente infernal, para as ultimas alturas.

Cortada a fuga, fechadas de balde as portas ao commum invasor, abrem as janellas; horrorisam-se da profundeza e do silencio da rua, e começam, mulheres, homens e meninos, com um alarido aterrado e aterrador, a clamar por soccorro.

A tempestade está no seu auge; tronca e dispersa as vozes; os visinhos não despertam; nenhuma porta, nenhuma janella, se abre; ninguem passa. O perigo, a desesperação, recrescem de instante para instante. Os campanarios dormem; os bombeiros dormem ao-pé das suas bombas; as duzentas bicas dos chafarizes de Lisboa lançam mansamente, e longe de olhos, as suas aguas abundantes sobre a pedra sonora. A salvação está por toda a parte; e por falta de quem oiça de fora estes alaridos, vinte e

cinco pessoas estão curtindo ao desamparo, entre mais de trezentas mil, uma agonia sem esperança, sem confôrto, sem resignação, e sem o mesquinho allivio sequer de serem carpidas, vistas, nem escutadas. Não; bem escutadas, bem vistas e bem carpidas, todas ellas o tinham de ser, ainda que nem todas, ainda que pouquissimas, libertadas.

A' força de se repetirem os clamores, despertaram os visinhos em sobresalto; accorreram ás janellas; descobriram a desgraça já certa; calcularam todas as possiveis, que eram mil, que eram innumeraveis; gritaram, sahiram, correram, deram rebate por toda a parte. Pouco a pouco, veem affluindo soldados e povo; são espectadores para a tragedia; ¡mas soccorros... soccorros para aquelles infelizes... que ali estão meio nus, ajoelhados na pedra, de mãos postas, que pedem misericordia á terra e ao Ceo, á terra outra vez, e sempre, que arrancam os cabellos, que se abraçam, que olham para dentro com tamanho pavor, para fora com tamanha consternação, que flutuam entre duas fascinações egualmente fataes, a das chammas, e a do despenho... os soccorros... não se vêem chegar de parte alguma...

*

Já lá vem o crepusculo do novo dia, quando o sino da Sé dá, tocado por mão casual e caridosa, o primeiro rebate de incendio.

Mas... estava predestinado que o espantoso sacrificio se consumaria: este signal, ou por ignorancia ou por desaccôrdo de quem

o deu, longe de apressar os auxilios, só serviu, pelo contrário, para os embaraçar e retardal-os. As badaladas, que de campanario em campanario se repetiram, não são no devido numero para designar o sitio; e as bombas e escadas consomem, em vaguear sem tino, momentos preciosos, que, aproveitados, ainda por ventura arrancariam á morte algumas prezas.

Egual perturbação lançaram nos movimentos das patrulhas municipaes os desvairados toques de apitos, dados e repetidos, de muitos pontos diversos, pelos visinhos e por ellas mesmas. O vento continuava sempre, augmentando a furia ao elemento destruidor, e impedindo que os sons das torres proximas podessem ser ouvidos e secundados pelas outras, para convergirem de mais partes os valedores, os braços, e instrumentos de salvação.

Mais terrivel ainda que o painel que teem aos olhos, é a especie de fatalidade providencial que parece presidir-lhe. As chammas dominam já quasi tudo; as escadas proprias ainda não apparecem.

Em quanto uns correm a arrombar o mais proximo deposito d'ellas, outros dos visinhos trazem aos hombros as que teem em suas casas, encostam-n-as para subir ás janellas, ao resgate dos prisioneiros; e com terror geral se vê, que nenhuma vinga á necessaria altura. Com a vozaria dos padecentes se mistura a dos milhares de espectadores, de ambos os sexos, de que estão apinhadas todas as frontarias de um e de outro lado, todos os telhados cobertos, as ruas e as travessas inunda-

das. O afflicto da celeuma refórça o do espectaculo.

*

Não ha que tardar: é mistér aos infelizes, ainda a travéz dos maiores riscos, lançarem-se á fuga; ou dentro em pouco... todo o vislumbre de esperança se haverá esvaecido.

A familia da sobre-loja, uns sobre outros, se arroja á rua por uma corda. Uma familia está salva. Poucos momentos depois... o pavimento de sua casa abate, aniquilando todo o seu haver, e vomitando pelas janellas torrentes de chammas.

A familia do 1.º andar vai seguir o mesmo exemplo, com dobrado e triplicado perigo; mas um soldado venceu já demolir o compartimento que lhes separa a ultima janella da primeira do predio contiguo. Salvaram-se. O pavimento, onde deixam tudo quanto possuem, não tarda, como o inferior, a aluir-se ruidosamente.

O snr. Palhares, por quem é occupado o 2.º andar, viu-se abrir ha pouco uma janella, rodeado de parte da sua numerosa familia, gritar por soccorro, contemplar com mostras de aterrado que ainda para elles o não havia, e fechar de novo a janella, provavelmente para roubar ao seu implacavel inimigo o alimento do ar por mais alguns segundos, e dar tempo a chegar algum auxilio inesperado. Já torna a abril-a; tenta deslizar-se ao longo de lençoes atados uns nos outros, ¡que todavia não chegam a meia altura! Apenas se abandonou a este phantastico salvador, sente o faltar-lhe.... ¡despe-

nha-se na calçada! e, sem tempo para orar exalando o ultimo suspiro, morre. A' sua janella já ninguem appareceu; fechou-se. O sobrado, que ainda devia conter oito pessoas, pelo menos, afunde-se sobre os dois precedentes, e lá dentro nem um ai se ouviu soar...

*

..... Ás escadas de uma das Companhias de bombeiros chegaram emfim.

Arvoraram-n-as arrebatadamente contra o 3.º andar, habitação da familia do snr. Pedras, constante de quatro ou cinco pessoas. Mas....¡ oh consternação! do ultimo degrau d'estas escadas á janella, vai ainda quasi a altura de um homem. O snr. Manetti, escultor ornatista de jaspe, sobe accelerado, chega ao cimo, estende os braços a duas mulheres, que para elle se debruçam atemorisadas, para que uma d'ellas se lhe entregue, prometendo que não tardará em vir tomar a outra. Aqui, uma luta, que em lance tal deveu parecer sublime, se levantou entre as duas. Eram a filha e a criada da casa; cada uma forcejava para que a outra fosse a primeira; n'esta falava só a amisade generosa; n'aquella, alem da amisade, talvez ainda outro sentimento mais imperioso: quem sabe se não divisou, se não adivinhou, lá em baixo, aos pés da escada, e pronto a subil-a apenas o corajozo artista a houver descido.... A autoridade da ama venceu; a serva abraçou-a com uma indisivel expressão de ternura, fechou os olhos, lançou o corpo para fora da janella, segurando-se com ambas as mãos ao peitoril; é tomada em pezo pelo seu generoso

libertador, que rapidamente desce com ella, e a põe em salvo. Já se dispõe para voar á segunda conquista; antecipou-se-lhe o snr. Ramires; chegou ao ultimo degrau, allonga os braços vigorosos, affoita a gentil menina (por quem se diz que mais de uma razão o interessava) a confiar-se n'elles sem receio. Dever a vida ao ente, com quem se deseja e se espera passal-a n'uma prisão suave e indissoluvel, é ventura, até para em meio de tamanho horror. ¡Mas o pejo!.... ¡mas tantos olhos!... Esta ideia e este sentimento, contribuem talvez ainda para lhe augmentar a perturbação; não calcula devidamente o logar mais proprio, e o geito mais acommodado para a sahida. Houve em todos os espectadores um transe de inexprimivel anciedade, quando a viram soltar-se fora do verdadeiro alcance do seu valedor, que, suspenso elle mesmo entre a vida e a morte, seguro unicamente com os pés, n'um degrau estreito, e sobre um abysmo, pendido ao lado para lhe acudir, não poude mais que segural-a pelas roupas.... Era impossivel o que se presenciava; o esfôrço, que o amor e a desesperação davam áquelle homem, era sobrehumano; e havel-os-hia salvado a ambos, se as roupas, que com mãos de ferro agarrava, se não rasgam. ¡Ei-la, por entre um espantoso grito geral, se precipita, condemnada a nunca mais tornar a ver os seus amores.... senão na Eternidade!...

.....

O piso do 3º. andar, com todos e com tudo que n'elle havia, não tardou egualmente em precipitar se.

Já não restava... senão as aguas-furtadas. Toda a familia- marido, mulher, e filhos, tinham escapado, fugindo pelos telhados para os das casas proximas; mas o pequeno peculio d'aquelle pobre homem tinha-lhe esquecido lá dentro; era o fruto do seu suor de humilde artifice, era o pão da mulher e dos filhos; era mistér salval-o a todo o custo. Surdo aos rogos e choros, com que elles e ella procuravam retel-o, torna pelo mesmo caminho; entra pela trapeira aberta no seu pobre quarto... Pavimento e telhado, tudo instantaneamente desaba...

*

Consumou-se tudo.

Corpos, preciosidades, moveis, madeiros, pedras, telhas... tudo jaz lá no fundo d'aquelle vasto boqueirão esbrazeado, por entre as ondas alterosas do fogo, que já não trasbordam senão pelas primeiras renques de janellas, ao passo que por todas as outras, e pelo alto, borbotam montes e florestas de fumarada.

*

Em quanto este multíplice drama se representava, outro, nascido n'elle, e em tudo semelhante (excepto nas mortes) passava na rua da Padaria, na propriedade n.º 4, visinha e communicada a esta pelos saguões.

Uma e outra apresentam agora egual aspecto de ruinas, para onde (ha já hoje sete dias) ainda não deixaram de concorrer mul-

tidões e multidões de pessoas de ambos os sexos, de todas as edades e jerarchias, desejosas de conhecerem por si mesmas o sitio e os vestigios de uma catástrophe tão nefanda, e de recolherem da visinhança, ainda atónita e consternada, as particularidades e incidentes presenceados por cada um; particularidades e incidentes sempre diversos, e todos verdadeiros, com lagrimas referidos, e com lagrimas escutados.

Tal é, por alto, a historia d'esta calamidade memoravel, em que a desgraça teve uma grande parte, e a culpavel imprevidencia dos homens uma parte muito maior.

Se os tutores e curadores do Municipio tivessem aceitado qualquer dos alvitres, que tantas vezes lhes havemos proposto n'esta folha, para precaver tão miseraveis desventuras; se, por christan caridade ao menos, houvessem despachado um só d'aquelles nossos humildes mas ardentes e reiterados requerimentos, nem uma só de todas estas dezasseis ou dezoito victimas estaria agora protestando contra elles perante o Ceo e a terra.

Não os arguimos, não, de indifferença; muito menos de perversidade, que sería absurda sobre tiranna arguição; mas o mal consumou-se, e d'elles haveria dependido o impossibilital o. Paciencia. O que as nossas vozes, por fracas e desautorisadas, não poderam, ha-de esta lição espantosa conseguil-o.

E quando de hoje a oito dias renovarmos (que as havemos de renovar) aquellas nossas petições, tão justas, tão humanas, tão faceis de deferir, a piedade lhes ditará prontissimo despacho.

As esmolas do Povo choveram abundantes, para dar pão, vestido, e remedios, aos que não salvaram mais do que a vida, exequias, suffragios, e sepulcro, aos que com ella pagaram a culpa alheia.

¿Que mais deve, ou que mais pode por si, o Povo?

Solli itar, como nós, aos representantes do Municipio, que nos atalhem, com providencias prontas e acertadas, calamidades d'estas no porvir.

Todo o Povo o sollicita pelo seu clamor geral, nas praças, nas imprensas de todos os bandos, nas conversações de todas as familias, nos espectaculos e passeios, no parlamento, nos templos, e no cemiterio.

¡Ah! no cemiterio, uma pedra monumental, erigida por ordem e á custa do mesmo Povo, vai dizer aos presentes e aos vindoiros, que ali jazem as cinzas (sem estylo figurado, cinzas) de perto de vinte mulheres, homens, e creanças... sacrificados. E esta pedra, com parecer um protesto e uma execração, não será senão um documento publico, irrefragavel e eterno, da justiça, da santidade do requerimento.

Se a desattendessem, ¡quem sabe quantas outras semelhantes não poderiam vir a ale-

vantar-se em torno d'ella, e dizendo como ella:

AQUI JAZEM,

QUAES D'ENTRE AS RUINAS SE TIRARAM, MUITOS D'ELLES AINDA NÃO SÔLTOS DOS SEUS MUTUOS E DERRADEIROS ABRAÇOS, OS CORPOS DOS QUE FORAM DEIXADOS MORRER DE FOGO, NO SITIO DE... PELA VEREAÇÃO MUNICIPAL DO ANNO DE...

(*Rev. Univ.*)

CCXXI

Salvamento para naufragados

(Dezembro de 1844)

A alguns dos naufragados mata o mar; mas a muitos d'elles, quem os mata é a falta de soccorros.

O engenho de homens *humanos* tem-se ha tempos applicado a inventar, com que arranque victimas áquelle elemento devorador; e a Sciencia, em lhes applicar remedios, com que os revoque á vida.

A ambos estes pontos de importancia maxima temos nós consagrado alguns artigos, desejando sempre ver formada uma Sociedade patriotica e christan, á imitação da que existe em Inglaterra, que já hoje poderia (a ser vangloriosa, assim como é benéfica) alardear por tropheo milhares de homens conquistados ás ondas, e restituidos da morte ás suas familias.

Varias teem sido as machinas, por nós descritas, ideadas para se trazerem á terra os corpos dos náufragos. Eis aqui outra: ¶ ¶ Chama-se *batel de salvação*; foi ha pouco experimentada no Havre, invento de Monsieur Lahure. E' toda de ferro coado, com um recipiente de ar bem fechado, que lhe

veda ir-se ao fundo, e que, mal sossobra, logo a restitue ao seu natural. Este recipiente é compartido em tres, com suas válvulas para dar sahida a alguma agua que por acaso se lhe introduza. Se no mar a põem de quilha para cima, por si se revira em menos de 40 segundos. Para que se penda a uma das bandas, é necessario o pezo de dois homens carregando n'esse bordo.

Esta descripção, bem vemos que se não pode haver por sufficiente; mas um jornal como este (repetimol-o pela millesima vez) não pode ser um mestre, que ensine logo a fazer perfeitamente cada uma das coisas uteis. O que deve, o que pode, e o que procura, é dar a conhecer que essa coisa util existe, e onde; aguçar nos interessados desejos de a imitarem, e dar-lhes um fio, por onde possam encaminhar-se até obterem instrucção mais cabal.

(Rev. Univ.)

CCXXII

Vasco da Gama

(Janeiro de 1845)

Consta-nos que o snr. Abbade Castro n'uma erudita representação dirigida a Sua Majestade a 18 de Dezembro de 1844 ponderou, que na egreja dos Carmelitas calçados da Vidigueira se conservam os restos mortaes de Vasco da Gama; que a egreja vendida se acha ao presente sem a devida decencia; e que á honra nacional releva que os despojos do Heroe de Camões e do Mundo sejam, por ordem de Sua Majestade, trasladados para a egreja de Santa Maria de Belem, a par com Lisboa, erigida pelo senhor D. Manuel para monumento da próspera tornada d'aquelle capitão a este Reino; a fim de que, junto ao tumulo do grande Rei, vejam nacionaes e estrangeiros o do grande Vassallo.

(*Rev. Univ.*)

CCXXIII

Animação a inventores

(Janeiro de 1845)

Querendo o snr. Manuel Maria Corrêa Seabra provar praticamente ao Público a excellencia dos seus *Salva-vidas* para incendios, escolheu para este fim a 1 hora da tarde de domingo proximo, e as janellas do proprio edificio do escritorio d'este jornal.

Desejou, porém, fazer, antes d'essa prova pública outra no mesmo sitio, á bôcca da noite de 21.

Eram 5 e meia da tarde; armou os seus aparelhos, e começou-se a experiencia do cinto. Já quatro pessoas tinham descido successivamente, ora do 2.º ora do 3.º andar, e egualmente subido, tudo com a maior rapidez e segurança, á vista de algum povo atrahido pela curiosidade; quando passa (eram 6 horas) um Official da ronda a cavallo da Guarda Municipal. Pergunta por que se acham aquellas pessoas reunidas. Seriam umas trinta, todas no maior socego, todas applaudindo e commentando o invento. Explica-se-lhe o caso, que de pouca explicação carecia, porque elle mesmo chegára ainda a tempo de presencear duas descidas.

E' impossivel adivinhar o que houvesse em tudo isto, merecedor do tom desabridamente peremptorio, com que o snr. Official ordenou a dispersão dos curiosos, e a cessação de uma experiencia, que, de certo, não era prohibida por lei alguma. Isto mesmo se lhe representou; mas S. S. insistiu, declarando que, «a não parar logo tudo, immediatamente se prendia o autor».

A um raciocinio d'estes.... não havia que responder.

O autor recolheu os aparelhos; e o povo, que o Official mandou dispersar por uma patrulha, a qual lhe obedeceu devidamente, mas com uma moderação, que bem provava que o motivo da ordem era para ella um enigma, o povo retirou-se, fazendo reflexões, que, por muito óbvias, nos absteremos de repetir.

(*Rev. Univ.*)

CCXXIV

O snr. Listz

(Janeiro de 1845)

Toda a gente que leu os *Mysterios de Paris* sabe, com que esplendida corôa o genio do poeta Sue ornou ao genio do musico Listz.

*

«Il y avait bal et concert à la cour. L'illustre Listz venait de se mettre au piano; aussi, le silence le plus recueilli succéda-t-il au léger murmure des conversations. En attendant la fin du morceau, que le grand artiste jouait avec sa supériorité accoutumée, je restai dans l'embrasure d'une porte.

—«Quel admirable talent que celui de M. Listz, n'est-ce pas?

—«Admirable. Avec quel plaisir vous l'écoutiez!

—«C'est qu'en effet il y a, ce me semble, un double charme dans la musique sans paroles; non seulement on jouit d'une excellente exécution, mais on peut appliquer sa pensée du moment aux mélodies que l'on écoute, et qui en deviennent, pour ainsi dire, l'accompagnement. Je ne sais si vous me comprenez, mon cousin.

—«Parfaitement. Les pensées sont alors des paroles, que l'on met mentalement sur l'air que l'on entend.

—«C'est cela, c'est cela, vous me comprenez,—dit elle avec un mouvement de gracieuse satisfaction; je craignais de mal expliquer ce que je ressentais tout'à l'heure, pendant cette mélodie si plaintive et si touchante».

*

M. Eugéne Sue, escrevendo assim a historia das impressões produzidas lá fora por M. Listz, escrevia ao mesmo rempo a prophecia do que nós mesmos estamos hoje experimentando.

As duas noites, em que elle encheu das suas admiraveis harmonias o theatro de S. Carlos, foram para o Público enfeitiçadas, foram para elle triumphaes.

Duas coisas, sobre tudo, se encarecem em M. Listz: a ligeireza, segurissima e imperturbavel, e o gôsto; por outras palavras: o estudo, e a natureza.

A *arte*, só pelos artistas pode ser justamente apreciada; os artistas o applaudiram com enthusiasmo. A expressão, porém, o mimo, a inspiração da alma, isso é para todos; e nós, os profanos, o percebemos pelo coração, tão bem (pelo menos) como os iniciados. E' portanto só d'este segundo dos seus meritos, ou antes, d'este primeiro de todos os meritos, que nós nos atrevemos a falar.

O naturalista decompõe, analysa, e descreve, o ar; o ignorante, entretanto, gosa-se d'elle, da sua fragrancia, do seu luminoso doirado, do fresco e macio das suas virações,

n'uma agradavel manhan, ou n'um saudoso pôr do sol da primavera.

*

Nós recebemos (como todos) com um quasi religioso recolhimento, e conservamos com amor, e com uma especie de gratidão, toda a escala de impressões, que, desde o primeiro grau do enternecimento, até ao grau ultimo da dor,

Tu che a Dio spiegasti l'ale,

ou do terror, com o côro subterraneo dos demonios vozeando *Roberto*, M. Listz descarregou electricamente da sua alma para o piano, e do piano para as nossas.

Entretanto... (¿por que não ousariamos dizer a verdade completa?) o que em algumas folhas de Lisboa temos lido a este respeito, tem-nos parecido orçar um tanto, de uma parte pela lisonja, da outra pela injustiça, posto não attribuâmos essa *lisonja*, senão a uma excessiva cortezia de bons hospedeiros, nem essa *injustiça* senão a um simples esquecimento.

*

O gôsto de M. Listz enfeitiça, não ha dúvida; mas dizermos que nunca outro gôsto egual havia entre nós excitado eguaes commoções, que M. Listz n'este sentido «inventou o piano», parece-nos, repetimos, que não é bem; porque o snr. Manuel Innocencio

dos Santos (para falarmos só de um) por ninguem foi ainda aqui excedido em mimo, em suavidade, em graça, em sentimento intimo, em discreta e abundante variedade.

Esta opinião foi a nossa, desde a primeira vez que ouvimos a M. Listz; mas temol-a depois achado em grande numero de pessoas, especialmente em damas, que não são de certo o menos competente jury em tal materia.

Se em M. Listz ha mais dextreza e força (o que a nós não toca decidir), esse facto, sem aliás pretendermos rebaixar-lhe o valor, só prova verdadeiramente, que em favor d'elle tem a Fortuna sido tão boa madrinha, como boa mãe lhe havia sido a Natureza.

O snr. Listz vive todo para o piano; o seu piano é uma parte inseparavel d'elle; com elle está, com elle mora, com elle viaja, com elle corre de triumpho em triumphos, de cidade em cidades, de Reino em Reinos, e de Côrte em Côrtes; em quanto o piano do snr. Manuel Innocencio só recebe, ao cabo de cada dia, desbaratado em grangear sustento para mulher e filhos, alguns escassos quartos de hora, enfraquecidos pelo cançasso, pelo tédio, e pelos cuidados do dia seguinte.

O snr. Manuel Innocencio consome, em ensinar os nomes e os valores das notas, o tempo que M. Listz emprega no meio da abundancia, em se deixar inspirar pelo sentimento da sua propria felicidade, e pelos eccos dos seus louvorees, que lhe ressôam de toda a parte.

N'uma palavra: o primeiro vive pela Arte;

o segundo vive para a Musica. ¿E quem não aprecia a immensa significação d'estas differenças? E, bem apreciadas ellas, ¿quem recusaria ao menos duas palavras de consolação generosa a quem nasceu só com o genio, em terra em que o genio nem é riqueza, nem dá honras?...

(*Rev. Univ.*)

CCXXV

Grande baile

(Janeiro de 1845)

A festa de 27 de Janeiro, no palacio do Ex.mo Ministro do Reino, foi de um luzimento, e de um apuro de elegancia, que nenhuma outra d'este inverno lhe disputaria preferencias. Desde o portão, até ao fundo das ultimas salas e gabinetes, tudo estava ornado de flores. Os concorrentes só da noite foram orçados em mais de dois mil, incluindo n'este numero talvez seiscentas senhoras. Ahi se acharam as familias dos Ministros, dos Pares, dos Deputados, e dos mais altos empregados da Milicia, da Toga, etc. A musica e a dança duraram até perto da madrugada. Tocaram no piano M. Listz, e o snr. Manuel Innocencio dos Santos; cantaram as snr.as Rossi e Albertini, e os snrs. Tamberlick e Cianati.

(*Rev. Univ.*)

CCXXVI

O anniversario da eleição do Papa

(Fevereiro de 1845)

O Ex.mo Monsenhor Di Pietro, Arcebispo de Berito, Internuncio Extraordinario, e Delegado Apostolico n'esta Côrte, solemnisou com toda a magnificencia o dia 2 de Fevereiro, anniversario da Eleição de Sua Santidade Gregorio XVI, com Missa pontifical cantada por S. E. na freguezia italiana do Loreto; e á noite em sua casa, com uma reunião brilhantissima de pessoas de um e de outro sexo, todas de consideração.

O alto Clero, a Aristocracia do nascimento, as Camaras legislativas, o Ministerio, o Exercito, o Corpo diplomatico, a Magistratura, as Sciencias, as Letras, e as Artes, tudo ahi foi altamente representado.

As salas, apesar de que muitos dos convidados esperados n'outras partes se não podiam demorar quanto desejavam, estiveram constantemente apinhadas, desde as 8 da noite até ás 3 da manhan, reinando em tão innumeravel concurso a melhor ordem, e a maior satisfação.

Monsenhor, e as pessoas de sua casa, foram infatigaveis, e exemplares, no seu affe-

ctuoso e cortesanissimo hospedar. O passeio, a conversação, e algum jogo de vasa, foram os entretenimentos d'esta festa, que, sem ter nada de commum com os bailes (e muito menos com os bailes do carnaval), a ninguem pareceu longa nem dessaborosa; e mas, foi levado o rigor da sisudeza a ponto que nem musica, de piano sequer, ahi se ouviu.

Não se podiam refutar mais plenamente as insensatas calumnias, que acerca d'esta funcção se tinham andado espalhando por entre o vulgo.

(*Rev. Univ.*)

CCXXVII

Grande acto de beneficencia

(Fevereiro de 1845)

Pelo agradecimento publico e solemne do Asylo da mendicidade acabamos de saber de um rasgo de caridade, verdadeiramente christan, praticado pelo snr. José Bento de Araujo, quasi ao cabo da sua dilatada existencia, e que, se mais cedo o houveramos conhecido, nos não permittiria deixarmol-o sem commemoração necrologica especial.

O ajuntar milhões no decurso da vida, e reunir, depois da morte, algumas duzias de musicos, e alguns centenares de carroagens em derredor de uma egreja armada de preto, não nos parecêra bastante materia para escrevermos; é-o porém, sem dúvida, a addição que fez, verbal, ao seu testamento o snr. Araujo, pela qual deixou ao Hospicio da velhice enferma e desamparada 10:000 cruzados em inscripções de 4 por cento.

O herdeiro, depositario d'esta declaração e ultima vontade, não só a cumpriu religiosamente, se não que, acrescentando por sua parte a boa obra, entregou com esse ca

bedal os seus juros correspondentes ao ultimo semestre. O herdeiro é o snr. Joaquim Pereira da Costa.

Acções d'estas, é bom, é optimo, registal-as, para premio dos que as fazem, para incentivo aos que as podem fazer, para vergonha e confusão dos que, podendo fazel-as, o não querem.

(Rev. Univ.)

CCXXVIII

Luva atirada a um inimigo de brigas

(Fevereiro de 1845)

Um Transmontano, recem-chegado a Lisboa a tratar de negocios, obstinava-se, comtudo, a não sahir da casa onde se hospedára, em quanto não passasse o carnaval, ¡tão exageradas eram as preoccupações que trazia, acerca das peças do entrudo costumado entre nós! Haviam-lhe representado este praso do anno, segundo o padrão antigo, como um tempo de anarchia, de guerra civil, como um diluvio geral e furioso.

Chega lhe porém, domingo gordo, uma carta, em que um sujeito, com quem tem grossas contas, e que mora para o outro cabo da Cidade, lhe pede vá ter com elle, por ser indispensavel tratarem n'esse dia assumpto de commum interesse, e achar se elle, que lhe escreve, acamado com uma grave enfermidade.

Foi o seu primeiro impeto expôr antes a perder-se o negocio, fosse qual fosse, do que o corpo. Reflectiu; consultou; aconselharam-lhe que fosse de sege, e bem fechado. Mandou vir sege; encaixou-se dentro; levantou

postigos; afivelou cortinas; persignou-se; partiram.

Teriam já andado duas milhas; ia se junto á Fundição; e maravilhava-se de não ter ainda percebido nenhum rumor extraordinario. Renasceu-lhe um pouco de ânimo; espreitou pelos oculos das cortínas; não viu nada; baixou uma polegada ou duas de um postigo; nada viu que o atemorisasse; a pouco e pouco o desceu todo; divisou caras alegres, *ridentibus arrident humani vultus;* refloriu; quiz tambem gozar; deitou a cabeça de fora. No mesmo instante, uma grande mão, de dono invisivel, vem de traz estampar-se-lhe na cara, e um côro de gargalhadas responde a um seu involuntario grito de terror.

Chegado a casa do seu correspondente, o bolieiro o apeou.... a rir; a rir lhe abriu a porta uma criada; e a rir, com um rir inextinguivel.... o recebeu, apesar das dores que estava curtindo, o dono da casa.

O bom do Transmontano levava o lado direito da cara todo preto. Um gaiato, aprendiz de um sapateiro, que trabalhava na escada da propriedade em que elle assistia, e lhe soubéra da balda pelo moço que fôra alugar a sege, havia-se-lhe empoleirado na trazeira, apenas o vira dentro; e com a classica luva de azeite e ferrugem, fôra espiando a primeira aberta, para lh'a pregar em cheio na bochecha.

(*Rev. Univ.*)

CCXXIX

Tragicomédia n'um páteo

(Fevereiro de 1845)

São os *páteos* uma especie de ilhas encobertas, que ainda se encontram (posto já foram em maior numero) no meio d'este *mare magnum* de ruas e gente chamado Capital.

Raras pessoas conhecem dos páteos, mais do que o nome, e, quando muito, o arco, ou porta externa, de algum d'elles. São os verdadeiros *mysterios de Lisboa.*

N'um labyrinto, mais ou menos amplo, de barracas, paredeiros, possilgas, ruinas, e entulhos, vive um formigueiro humano, onde a miseria, o vicio, e o crime, se revezam, se perpetúam, e permutam entre si os seus reflexos escuros e aborrecidos. Ali o sol não penetra senão a custo; a civilisação, nada; a Religião, com a tumba; e a Policia, em algum caso extremo. São em menor ponto, mas são, a *Cour des miracles* de Victor Hugo, e a *Alsace* de Walter Scott.

*

Um d'estes páteos, que ainda ha poucos annos assim era, e que ainda hoje, apesar de se lhe haverem transformado as circumvisi-

nhanças, talvez não desdiga inteiramente do seu primitivo ser, é o chamado *do Penalva* na calçada do Duque.

Uma scena, entre silvestre e ridicula, passou n'este páteo, n'um dos dias anteriores ao entrudo ultimo.

*

Um Judeu, official de torneiro, morador n'uma d'aquellas baiucas, havia estreado os seus amores com certa mocetona, de quem vivia muito bem correspondido.

Cançado da sua felicidade, ou embellecado por novos feitiços, pouco a pouco se fôra desviando d'ella, até a sacrificar de todo á irman de um cabo de vigia.

Não havia rasão, por que á segunda não tocasse ao menos uma pequena amostra do acontecido á primeira. O nosso rabínico Lovelace, entre as suas caladas meditações ao tornear tinteiros de pau do ar, lembrou-se do seu millesimo avô Lamech, o inventor da polygamia; depois, da sua centesima avó Sarah, que teve em casa a Agar; e depois tambem, de Lia, que fôra co esposa, com sua irman Rachel, do santo Jacob; finalmente, que os tinteiros se tinham inventado para escrever; e os corações das amantes para perdoar.

Escreveu; tornou a ser attendido; e assim vivia, na data da nossa historia, como um verdadeiro Lamech, volteando de um para outro amor perfeito, sem dizer a nenhum d'onde vinha, nem para onde tornava; leal e desleal a ambas; e só fiel ao seu torno nos dias de semana, nos domingos aos seus diverti-

mentos, e ao systema de dissimulação, de que lhe era indispensavel usar para illudir e desfrutar a ambas.

*

N'este dia, dava funcção rija no seu tugurio; congregára mais visinhos, do que n'elle cabiam; havia *balancé* de cavaquinho e flauta, e petisco de figado e salada.

O páteo ressoava alegre, como aldeia em véspera do seu orago. A primeira amante fazia as *honras da casa* com uma graça especial, que lhe provinha do sentimento da sua felicidade; ¡a rival não fôra convidada!

Pelas 8 horas, começando a faltar o vinho, sem cujo espirito brevemente a alâmpada do festejo se apagaria, offereceu-se ella mesma para ir fora buscal-o. Uma das damas da companhia lhe disputou o gôsto de a servir; tomou-lhe das mãos as garrafas, e já ia partir para a taberna, quando a interina dona da casa, para a livrar do ar da noite, que estava fria e ventosa, lhe lançou pela cabeça o seu proprio chaile.

Sahiu a hóspeda, e a porta fechou-se.

*

Chegada ao portal do páteo, é a subitas investida por uma leôa em figura de mulher zelosa. Era a coitada da excluida, a namorada n.º 2, que ali tinha vindo postar-se, á espera de que, por este ou por outro qualquer modo, a fortuna lhe deparasse ás mãos

a sua rival. Das garrafas, tirou a primeira inferencia de que era ella; o chaile acabou de a confirmar n'esta illusão, que um rosto meio embuçado, e no escuro, lhe não podia destruir. Tomou-a de improviso, vergou-a para baixo de si, metteu-lhe a cabeça entre os seus joelhos, sacou de um tamanco, e principiou a açoital-a com toda a furia, que os zelos podem dar a quem anda de tamancos.

A sua victima, entretanto, quasi de todo sopeada nos movimentos, o mais a que chegava era a tocar-lhe zabumba com duas garrafas nos quadris, e a roer-lhe por dentro uma das pernas; com o quê, só conseguia tornar cada vez mais estrondosos e amiudados os açoites.

Ao som d'elles, que não ao das vozes, pois nenhuma se ouvia, acudiu a gente do baile e a da visinhança.

Soltou se a victima; e, no conhecimento do *qui pro quo*, novas iras se alevantaram. O irmão da aggressora brandia a sua ferrugenta; o torneiro, uma tranca; os convidados eram pelo dono da casa, e pela açoitada; mas a catana e a autoridade de cabo de vigia *(Dieu et mon droit)* eram pela aggressora. Houve uma batalha de selvagens e amasonas; houve feridas e gritos; acudiram patrulhas; tudo foi prezo. Tudo n'essa noite dormiu no corpo da guarda.

As horas do somno fizeram o seu officio, que é dar bom conselho; pela manhan, no Juizo de policia correccional não houve nenhum queixoso.

Cada um attribuiu as suas feridas a uma

causa diversa anterior, e de todo indifferente ao successo da vespera. Da policia correccional foram para a taberna todos sellar as pazes.

¿ Todos ? não ; dois faltavam ahi : o Hebreu, e a vingativa, que desappareceram ambos juntos, e dos quaes parece que ainda, até hoje, se não tornou a saber no pateo nova alguma.

(*Rev. Univ.*)

CCXXX

Emprazado

(Fevereiro de 1845)

Um caso extraordinario acaba de acontecer na Ilha de S. Miguel.

Um lavrador honrado, do logar dos Arrifes, por nome José de Sousa Massa, tendo vindo com o seu carro á cidade, entrou na taberna de um chamado Lisandro, seu conhecido e freguez. Bebeu, regalando generoso aos que se achavam presentes; mas quando foi a pagar, achou que lhe minguavam 3o reis para a conta. Despediu-se dizendo ao vendeiro:

—Os 3o$ooo reis que lhe fico devendo, á tornada lh'os pagarei.

Passam poucos dias, e é citado pelo seu credor de *3o reis*, perante o Juiz de paz, a lhe satisfazer *3o$ooo reis*.

Acode ao chamamento, conta singelo o succedido, mas a parte adversa apresenta testemunhas da confissão do reo. Não se conciliam.

Passa o negocio ao contencioso; Massa é condemnado; paga; mas ao pagar, dirige ao miseravel abusador da boa-fé estas palavras solemnes:

—A Justiça cumpriu com o seu dever, que julgou pelas provas; eu cumpro com o meu, obedecendo á sentença; mas appello para o Tribunal divino. Lá irás dar contas do crédito e da fazenda de que me despojas.

Passados poucos dias, morre o lavrador de repente, andando a trabalhar n'uma sua fazenda; e vinte e quatro horas depois, expira o taberneiro.

*

¿Foi mero acaso?

Mas todo o Povo o tomou por um acto providencial, para desafronta, punição, e escarmento. ¿Quem poderia demonstrar que o Povo se enganou?.....

E' um d'aquelles factos, que deixam muito que meditar, e cuja meditação, ainda intertecida de duvidas, redunda sempre em beneficio da Moral. E' por isso, que as duas mestras da vida, a Historia, e depois d' ella a Poesia, se não teem desdenhado de registar e repetir ao genero-humano um cardume de analogos successos d'esta espécie; todos certos, todos grandes, todos temerosos, todos instrutivos.

*

Dois fidalgos da Casa dos Carvajales, falsamente accusados de crime grave, e julgados sem ser ouvidos, foram mandados por el-Rei D. Fernando I, de Castella e Leão, despenhar de um rochedo. Citaram ao iníquo juiz para comparecer dentro em trinta dias na divina Presença; e dentro em trinta dias era el-Rei defunto.

*

Um Templario, caminhando para o supplicio com os seus confrades, e vendo no seu tranzito estarem se a uma janella o Papa Clemente VI, e Filippe o Formoso, de França, autores da sua tragedia, appellou de ambos para o Juiz Superior, para dentro de anno e dia; e dentro de anno e dia Filippe e Clemente tinham partido.

*

Para o termo de um anno emprazou um Cavalleiro austríaco ao Duque reinante de Austria, Rodolpho, que o mandava lançar a um rio.

— Bem está — lhe respondeu o Duque rindo; — lá nos veremos; porém vae tu a diante.

E com o anno, expirou o Duque.

*

Francisco, Duque da Bretanha, mandou prender a um irmão, pelo supposto crime de lesa-majestade, ordenando que no cárcere lhe dessem a morte. O reo innocente encarregou ao Frade, com quem fez a sua ultima confissão, que fosse da sua parte ao Duque certifical-o de que sem culpa o havia punido, e que em quarenta dias lhe havia de dar satisfação no Outro-mundo. Adoece o Duque, agrava-se o mal, e no dia quadragesimo precisamente expede a alma.

*

Um Governador de uma praça de Flandres, emprazado por um Capitão, o quem mandava enforcassem n'uma arvore, foi na mesma arvore enforcado antes que um anno se devolvesse.

*

As sagradas paginas estão, como as profanas, cheias de exemplos identicos, ou análogos.

(Rev. Univ.)

CCXXXI

Brázia Parda

Drama de Antonio Pereira da Cunha, analysado em artigo critico por Luiz Augusto Rebello da Silva, artigo publicado na «Revista Universal», com advertencia e annotações de Antonio Feliciano de Castilho.

(Março de 1845)

ADVERTENCIA

O artigo que se vai ler não representa as nossas ideias.

Publicamol-o, por exprimir, em ponto que nos parece digno de exame, a particular opinião de um escritor, cuja competencia em crítica literaria ás vezes tem sido reconhecida por nós, com a inserção de analyses suas n'esta folha.

Mas, porque a sua imaginação brilhante, porque o seu estylo vigoroso, podem levar apóz si, com prejuizo de alheio crédito, os animos que não sabem, ou não ousam, formar as suas proprias convicções, numero infinito desde que os periodicos dispensaram o povo de pensar per si, ajuntar-lhe-hemos algumas notas em contrario sentido, nas quaes, candida, chan, e placidamente (como cabe a quem só procura a verdade, e n'estas coisas

se não torce nem por amores nem por odios), rectificaremos o que no texto se nos figura inexacto, ou menos bem observado.

Qual o autor soube mostrar-se para com o poeta, procuraremos nós ser para com o autor: adversarios animosos, leaes, e decentes.

Esta obrigação de escritor publico, de que nunca nós nos apartámos, por mais que os ruins e os tolos nos hajam querido castigar de termos consciencia; esta obrigacão, a mais essencial, a mais indeclinavel, de todas as obrigações de jornalista, não nos é só confirmada pelo nobre exemplo que temos presente, mas tambem (e sobre tudo) pela prefação que o snr. Rebello da Silva ao seu artigo havia posto, relativa aos deveres da censura; prefação que, muito a nosso pesar, nos vimos obrigados a suprimir hoje (reservando-a para mais propria conjuntura), por não caber tanto de uma vez em folha tão pequena, e a tão diversos interesses obrigada.

CASTILHO.

BRÁZIA PARDA

Aos escritores de esperanças, por elles e pelas Letras, sempre convém dizer verdade inteira; apreciar-lhes as bellezas, mas não evitar por isso os sitios em que por menos reflexão e estudo dormiu a intelligencia, desfalleceu o estylo, e se truncou a ideia principal.

Começaremos pelos caractéres que o poeta desenhou no seu drama. Os de pura phantasia, aceitamol-os, quanto aos lineamentos,

como elle os inventou. Os historicos não; é preciso para julgar a obra ver bem se elles correspondem ao esboço que a Historia nos deixou [1], e se estão emoldurados com acerto e gôsto no quadro da epoca. Por mais que a dilatem, a liberdade da arte moderna não autorisa o capricho de se transformar um caracter, que o povo, as chronicas, e a poesia, consagraram nas tradições, para outro que se não conhece, e é uma pura abstracção. [2]

[1] Não na Historia, mas na tradição popular, e depois na sua propria phantasia excitada por essa tradição, é que o poeta procurou e colheu os caractéres do seu poema, que por isso o não intitulou *D. Sebastião*, mas *Brázia Parda*. Se por historico o houvera dado, assentar-lhe-hia em cheio a censura.

CASTILHO.

[2] A regra é verdadeira, mas parece-nos que inapplicavel á hypóthese.

D. Sebastião é um homem duplicado; tem duas chronicas: uma escrita e historica, outra verbal e popular. A primeira tem as suas raias circumvalladas de documentos; a segunda estende as suas elasticas fronteiras pelas regiões nebulosas e infinitas da phantasia. A primeira acaba na jornada de Africa; a segunda principia n'ella. O

Qualis ab incepto processerit et sibi constet,

não pode ser lei para um homem que do sepulcro renasce, e ao levantar a cabeça vê que o terremoto que para lá o despenhara transformou todas as coisas, as suas pessoaes relações com cada uma d'ellas, e conseguintemente a sua propria individualidade. Quem entrou na morte com manto de purpura e corôa, e d'ella sai nu, e até sem nome, não pode obrar, pensar, e sentir depois, como d'antes obrava, pensava, e sentia.

D. Sebastião nasceu com a alma de Alexandre. A memoria do mais cavalheiro dos nossos Reis se o triumpho houvesse coroado a sua empreza sería pela posteridade celebrada como a de um heroe. O successo não lhe deu razão, e condemnaram-n-o, do mesmo modo que o applaudiriam se vencesse.

A jornada de Africa não era tão louca como a pintaram; os calculos em que assentava falharam quasi todos; a justiça pede que se lance em rôsto á sorte boa parte do mau êxito. A verdura dos annos, e as illusões de

D'entre as tão diversas e encontradas tradições, que se espalharam sobre os destinos pósthumos do infeliz Monarcha, nenhuma ha, em que o papel, que elle representa, não inculque esta metamorphose de animo e coração, tão natural, e, em boa philosophia, tão necessaria.

¿ O D. Sebastião do *Castello do-Ovo* será o D. Sebastião da sala do Conselho em Cintra ?

¿ No homem, que vivo se deixa montar sobre um jumento, com o rosto para as ancas por escárneo, e, por entre os impropérios do populacho, atravessa assim as ruas de uma cidade, sem cahir morto, adivinharia alguem o indómito cavalleiro de Africa ?

¿ No regalado morador da *Ilha encoberta*, servido de gentís donzellas, e cercado de musica, enxérga-se feição alguma, que denuncie o viver duro do campeão inquebrantavel da Fé e da Patria, cujo capacete era o seu travesseiro, e a quem só a morte poude despir das armas ?

O snr. Pereira da Cunha tinha pois, quanto a nós, plenissima liberdade para escolher, entre os diversos retratos do D. Sebastião extra-historico, post-historico, e super-historico, aquelle que melhor conviesse á sua fabula, ou criar ainda um novo, comtanto que n'essa criação não mentisse á Natureza; e que á Natureza não mentiu, parece-nos a nós mui claro.

¿ Qual é o peccado de inverosemelhança, que se

uma imaginação viva, de um espirito impaciente, precipitaram-n-o; mas a morte de soldado, que na malfadada batalha de Alcacer cortou aquella existencia em flor, tornando-o martyr de um ousado e vasto pensamento, remiu aos olhos de muitos a primeira culpa. A poesia saudou-o, e a voz do Povo encarnou na tradição esse romance phantastico, ainda hoje repetido, e talvez que eterno. Anno e dia de expiação no deserto, e rigorosas penitencias, lançaram n-o perante Deus do peccado de soberba, de que fôra castigado com

lhe pode pôr? Unicamente o amar a uma mulher, elle, que não consta haver nunca amado. Mas o amar a uma mulher, é ser homem; e o ser homem, para quem tal nasceu, não é coisa inverosimil.

Se as chronicas nol-o não deram namorado, tambem nol-o não deram (porque não nol-o podiam dar) innamoravel. Do não ter sentido, até certa edade, a paixão mais geral e irresistivel, não se pode concluir que se está impossibilitado para a sentir no futuro.

O amor não é um estado permanente, *normal* (como dizem), que, se tem de se desenvolver, se desenvôlva em certo praso da vida, para continuar por toda ella, e que, a não ser assim, já não possa apparecer. O amor é um estado de excepção, uma... (digâmol-o assim) molestia com saude, que em certas circumstancias se manifesta, segue os seus periodos, mais ou menos longos, e que, a final, ou mata, ou se debella, ou se torna chronica. Tem-se o amor pela primeira vez, como pela primeira vez se tem uma camada de bexigas ou uma gástrica; e tão pouca rasão sería para não amar o não ter amado, como para não adoecer o ter sempre gosado de saude.

Até ao praso da jornada de Africa, o mais que se pode dizer é que a hora de D Sebastião ainda não tinha chegado, ou que não consta que tivesse chegado, podendo ter para isso contribuido, ou a grandeza e multiplicidade dos cuidados que o assober-

aquella derrota infeliz. Aplacada a justiça do Ceo, a dos homens tambem o ficou. D. Sebastião tornava-se o typo da cavallaria, o symbolo do amor da Patria, a saudade de tempos melhores, de balde desejados. E' o ultimo vulto heroico que se descobre no passado. Por elle choravam os seus populares no captiveiro de Castella; para elle, como redemptor, na agonia de Portugal se voltavam as esperanças; um dia de sol claro [3] havia de trazer da sua ilha o soldado de Alcacer, com a viseira calada e a armadura vestida, para

bavam («desterrae o ocio, quebrastes as armas ao amor»—dizia o experimentado mestre da *Arte de amar*), ou o tirannico das paixões ambiciosas, ou outras, que lhe tomavam todo o grande peito. (João Reboul é um excellente padeiro, e um excellente poeta; mas em quanto padeja não poetisa, e em quanto poetisa não padeja).

Escapo de Alcacer-Kebir; tornado encoberto ao Reino; humilhado no seu orgulho; privado de todo o genero de recursos; constrangido por um voto a um anno de obscuridade e inercia; D. Sebastião, em plena mocidade, vê n'este praso uma formosa donzella; vê-a onde a devia ver: n'um torneio; e capti-va-se; e offerece-lhe o laurel da victoria que ali obteve; e com elle um coração que ama de veras, porque ama pela primeira vez (que por estes remissos disse tambem Ovidio que o amor os obrigava pelo capital e juros de sua dívida).

¿Que ha, em tudo isto, que não seja completamente natural?

E acrescente-se ainda, que não são estes uns amores languidos e faceis, mas podiam sel-o, como os dos soberbos heroes do Tasso e do Ariosto; são uns amores tecidos de difficuldades; uns amores dignos de um Conquistador, e nos quaes outra vez a Fortuna, que já por inimiga se lhe declarára, levou d'elle a melhor.—CASTILHO

[3] Toda esta historia de D. Sebastião ressuscitado

libertar o bom povo da oppressão estrangeira.

Paixão de mulher nunca elle a conheceu, nem a historia notou, nem a tradição poetica lhe attribuiu [4]; o unico amor da sua vida foi a gloria. O sublime da tradição consiste em não alterar uma só vez esta feição original, que pela unidade tanto realça o maravilhoso do Rei-Cavalleiro. No abastardeamento da raça portugueza, que arrastava no pó a luxuria e a avareza rica, fraca de ânimo, e ainda mais viciosa de coração, a humilde poesia do povo criou o seu ideal ardente na fé e no amor da terra natal. Foi D. Sebastião o heroe, e é sempre arriscado fazel-o só homem diante das plateias [5].

é cheia, como já tocámos, de variantes: a commum opinião era, que *por manhan de névoa cerrada* chegaria o Encoberto.

CASTILHO

[4] Tradição popular é nas provincias (e por lá a ouvimos) que, tornando a Portugal, tivera amores com certa dama; pelo que, uma fada, ou feiticeira zelosa, o encantára, e o fôra pôr na Ilha encoberta, como coisa sua, e para si. Mas (repetimos) o mesmo direito, que tiveram alguns antigos para criar tradições a respeito de D. Sebastião, tinha o nosso poeta para o acommodar á sua fabula, e tel-o-ha qualquer outro, que em drama *não historico* haja de querer servir-se d'elle, como o não tome antes do dia 4 de Agosto de 1578. Por nossa parte, não só de damas, se não até de fadas, damos licença para que o enamorem.

CASTILHO

[5] Mas o D. Sebastião da *Brazia Parda* não é só homem, se por isto se quer entender um homem vulgar. A sua altiveza lá está, logo desde que pela primeira vez apparece na taberna, e não se desmente nunca. Na parte em que é homem, a saber no amor, já o nós defendemos; e não é de certo essa qualidade a que o fará rejeitar pela plateia; pelo

A jornada de Africa, e as aventuras que a crença popular lhe continúa, são dois monumentos, de que só a forma épica poderá talvez abraçar e exprimir a belleza. Os *Lusiadas* saudaram a aurora; este segundo poema seria o cantico do occaso da maior epoca que viu Portugal. Em todo o caso, para manifestar o typo ideal de D. Sebastião, a tragedia parece-nos muito mais acommodada [6]. E' uma grande dor moral, uma paixão que devorou uma existencia, sepultou com ella um Reino. Os ornatos emprestados desfiguram-n-a. O assumpto exige uma simplicidade de sublime acção natural, e verdade de affectos: exige que se evite o perigo de exagerar o caracter poetico, traduzindo-o do ideal. E' por isso que o personagem de D. Sebastião, de sua natureza bello e inspirado, nunca se deve introduzir como episódio n'uma peça, sem o ligar ao enredo como uma parte secundaria [7]; vinga se, acanhando todos

contrario: plateia e camarotes comprehendem melhor, e mais depressa, um homem, que no vigesimoquinto anno da sua edade se apaixona por uma rapariga, gentil, nobre, e virtuosa, e para a qual, de mais a mais (segundo as convenções theatraes) o devia atrahir a voz do sangue, pois era sua irman, do que uma estátua animada como a Historia o descreveu, e como talvez foi, em quanto viveu a sua vida feitiça de Rei semi frade, e semi-heroe.

CASTILHO.

[6] Mas é evidente que o autor não quiz fazer uma *tragedia*.

CASTILHO.

[7] D. Sebastião não é a primeira figura do quadro, mas é das principaes. Parece-nos que não tem mais nem menos vulto, do que lhe convinha, para o drama em que vinha figurar.—CASTILHO.

os outros, atraindo a si o interesse, afrouxando a acção, e sujeitando-se ás condições da sua existeneia, sem comtudo se desenhar com perfeição.

Eis o maior defeito que notámos na *Brázia Parda.*

O seu D. Sebastião não é o D. Sebastião do povo [8]. Falta-lhe aquelle cunho tão poetico de extremada cavallaria, aquelle fervor pela Patria, emfim o sacrificio de todas as outras paixões ao santo pensamento de salvar o Reino da espada estrangeira que de perto o ameaça. E' apenas no drama um homem que se apaixona por uma donzella, e lhe vota um culto exclusivo, pelo qual esquece a empreza que o trouxe a pisar a sua terra [9]. O amor, em quanto corre o tempo do voto, e o Rei se conserva occulto, affigura-se que interrompe mas corta a carreira de D. Sebastião, no desfecho da peça absorve-lhe a vida e o futuro, e não deixa á Patria o menor logar. D. Sebastião vem a Portugal quebrar lanças, n'um torneio, vencer o Duque

[8] *Um* «D. Sebastião do povo», não n-o ha, segundo nos parece; ha *um* D. Sebastião da Historia, com que o povo se embaraça pouco, e ha *um* D. Sebastião da poesia, que é tão multíplice, quanto são várias as imaginações.

CASTILHO.

[9] D. Sebastião não é um homem vulgar, que se apaixone por uma mulher; se o fôra, sacrificaria tudo por amor d'ella; é o homem que ama pela primeira vez, e que intenta encontrar no amor o que não alcançára pela sua ambição de gloria, que tão fatal desengano e lição lhe deu. E de mais: este amor está collocado dentro no anno do seu voto.

CASTILHO.

de Ossuna, e requebrar D. Branca [10]. Uma palavra que os separa, impedindo para sempre a sua união, verga-lhe o espirito. Despe as armas, piza aos pés a corôa, e infeliz no amor não tem ânimo de sobreviver para a gloria. ¿Aonde estão aqui os traços heroicos, com que tradições e Historia nos pintaram, tão robusto no coração como tenaz na vontade, o ultimo Cavalleiro de Africa? ¿aonde se observa a luta entre os affectos de homem, e o constante pensamento da sua existencia! [11] ¿D. Sebastião que mais é, do que outro qualquer namorado, que o desespêro arrasta ao suicidio moral, e amortalha em vida, para o sepultar na solidão do claustro, unico abrigo concedido ás grandes afflicções? Sem lhe importar o Reino, e no meio dos enredos de Filippe II de Castella, apenas se

[10] D. Sebastião volve a Portugal para salvar o seu Povo; joga as cannas, porque era essa a sua paixão; e (¿que inverosemelhança ha ahi?) rende-se ao amor de D. Branca, que o fascinou. ¿Ficava-lhe por ventura isso mal á sua dignidade, sumida nas vestes do popular?

CASTILHO.

[11] A gloria foi, é verdade, o pensamento de D. Sebastião *até* á derrota de Alcacer; mas ¿quem poderia affirmar que era esse o pensamento *depois*? O amor verdadeiro (e o drama não quer d'outros) é sempre exclusivo Se D. Sebastião desertasse ali do amor outra vez para a ambição, o seu amor perderia todo o interesse dos espectadores. N'essa hora do seu segundo desengano, devia necessariamente ficar, como fica, fulminado; embora devâmos conceder, que, passados tempos, e n'um drama ulterior (se o poeta o quizesse fazer) poderia sem inconveniencia mostrar-se outra vez isento, e furiosamente ávido de gloria.

CASTILHO.

corta a esperança da sua felicidade particular, desfallece-lhe no peito a devoção; expira toda [12]. D. Sebastião não comprehende desventuras; que as do homem nada teem que ver com os deveres do Rei; e que um Povo, em risco de ser preza do Estrangeiro, não ha-de pagar, com as suas lagrimas e sangue derramados nas contendas civís, um revés da fortuna, a illusão de um sonho de futuro deleitoso. Desapparece do mundo, porque D. Branca é sua irman, e exclama: «Perdi tudo.» — «E a corôa de Portugal?»

[12] Quem, por experiencia, conhecer um amor violento, como este que se figura em D. Sebastião, deve confessar que ha lances, em que tudo morre no peito com o golpe que nos cerceia as esperanças

E de mais: ¿não podia ser aquella uma resolução precipitada, filha da inesperada revelação, que fazia do seu amor um crime, um incesto?

¿Não podia D. Sebastião, depois de tornar em si, reconhecer que lhe cumpria, apesar de tudo, prover á desgraça do Reino?

O futuro do drama, ou o das personagens que figuram n'elle, nunca pode importar ao espectador; e sabido é que a desgraça, cahindo súbita sobre o apaixonado, sempre o assombra e cega, se o não mata.

D. Sebastião no principio do drama, ainda tem apêgo á gloria do seu povo. ¿Não despreza elle os Hespanhoes? ¿não diz a Muley: *logo que o meu voto finde, posso falar e empunhar uma espada?*

O amor depois vai crescendo a olhos:

1.º pela protecção de Brazia, que quasi que lhe dava ás suas affeições uma côr de sobrenaturaes;

2.º pela presença de Branca, a quem logrou falar;

3.º pelos sacrificios com que ella o captiva; e

4.º pelo desastre, que lhe derruba o seu futuro de delicias; ¡que certo é, que nunca tanto á felicidade nos apegamos, como quando a sentimos resvalar da summidade para o precipicio!...

CASTILHO.

—lhe volve Vaz de Ataide. — «D. Sebastião morreu na Africa, e o seu tumulo está na egreja de Belem» — responde o Rei imperturbavelmente. Só para isto não valia a pena de o ressuscitar. [13] E entretanto este final, que faz ressahir toda a falsidade do caracter do Rei [14], é o unico desenlace possivel, e contém se rigorosamente nos principios. Emfim: aquelle personagem, que vive enlevado nos seus amores, e só d'elles cogita, em coisa alguma se assemelha, á figura melancolica, severa, mas sublime pela dor, e pelo affecto á terra natal, que todos desde a infancia sonharam, e cujo typo ideal, como

[13] Repetimos: estas palavras que fecham o drama, e que tanto effeito produzem nos espectadores, parecem-nos bellas, em quanto caracterisam o profundo amor que ao poeta aprouve de lhe attribuir; ellas nada mais exprimem, do que o sentimento do presente, e não captivam de sorte alguma o futuro:

Jupiter ex alto perjuria ridet amantum,

disse-o tambem o *Doutor* da *Arte de amar*.

Pode ser, todavia, que algumas poucas palavras mais, acrescentadas depois de uma pausa meditabunda pelo mesmo D. Sebastião, n'este sentido (pouco mais ou menos), «se a Deus aprouver, este homem, duas vezes morto, pela fortuna e pelo amor, ressuscitará ainda sobre o throno», ou outras semelhantes, solvessem todos os escrupulos da censura. Sendo assim, nós aconselhariamos ao poeta, que de boa-mente as acrescentasse, ainda concedendo, que talvez o effeito dramatico se diminuisse.

CASTILHO.

[14] No falso pressuppposto de ser o drama *historico*.

CASTILHO.

que adormecido na mente, não desperta um só toque, uma só palavra, d'este D. Sebastião que o autor nos retrata.

O caracter de Muley é poetico, e completo. O fatalismo oriental, mui bem expresso, lança sobre os momentos supremos da sua existencia um veo trágico, e que, sem lhe alterar a serenidade estoica, descose fevra a fevra as entranhas e o leva direito ao sepulcro. A ideia do suicidio repugnante como desesperada não espanta que se lhe arraigasse; explica-se pela crença e pelos seus effeitos sobre uma alma azedada por tantas desgraças, e decahida da ultima esperança, o amor. O sacrificio da existencia feito a D. Sebastião parece mais que humano, mas não é inverosimil. A estreita amisade, que os obriga a sentir e pensar as mesmas magoas, está descrita com gosto e exactidão. Foi uma inspiração verdadeira o prender na existencia ideal da poesia os dois homens, que a sorte derrubou do mesmo golpe; como que se pressente n'isto o dedo mysterioso da Providencia.

Mas o caracter de Muley por heroico abate o de D. Sebastião. Todos os sacrificios nobres são do Moiro; e o Rei apparece só para entreter o desejo de gosar, e para fugir do throno mal elle se lhe desvanece. N'um a dedicação ao ponto de se matar para não entristecer o triumpho do amigo; no outro o egoismo, e o coração debil, que não resiste á dor e sucumbe á primeira amargura. Um faz o sacrificio de morrer para se não oppôr á ditosa existencia do seu irmão pela amisade; o outro não pode fazer o sacrificio de

viver com o peito traspassado de angustia [15]. Muley pelo heroico é mais protagonista do que D. Sebastião, a quem o poeta deu esse nome [16]. O snr. Tasso exprimiu com vigor os mais bellos rasgos d'esta paixão, tão concisos, tão delicados uns e outros. Entrou n'esta peça como em poucas o temos visto. Ha phrases que repetiu de tal modo, que sería difficil esquecel-as. O caracter de Muley Hamet nada perdeu, antes na traducção do artista ganha todo o encanto que a declamação acrescenta á poesia. Tambem o snr. Epiphanio no papel de D. Sebastião foi o que

[15] Concordamos em que é um bello caracter o de Muley; não o achamos, porém, mais generoso que o de D. Sebastião.

Muley deixa-se de requestar Branca, logo que sabe que o seu amigo, o seu quasi irmão, e o seu heroico vingador, é o seu rival. D. Sebastião ignora até ao fim a paixão de Muley. ¿Quem sabe o que teria feito se a tivesse conhecido?

Muley mata-se, para não presencear a felicidade de D. Sebastião com D. Branca. D. Sebastião, forçado a prescindir d'ella, ao reconhecel-a por sua irman, mas ainda sob o influxo de um amor indómito e correspondido, cede-a ao seu competidor, quando podia não cedel-a senão a Deus. Elle, protótypo do orgulho, cede a Princeza do seu sangue a um Principe africano, ao barbaro, ao desherdado e prófugo, ao filho de uma religião odiada, e de uma crença aborrecida.

E' para aqui que nós invocamos a memoria do D. Sebastião da Historia; explicado por ella, o Portuguez não só eguala, se não que muito excede, ao nobre Moiro.

CASTILHO.

[16] Suppomos que n'isto se equivocou o censor: o *protagonista* do drama não é Sebastião, nem Muley; é Brázia.

CASTILHO.

sempre costuma; e nos instantes de affecto ardente, por vezes felicissimo.

Resta-nos falar da mais original e mais poetica das criações do drama, a de Brázia Parda.

Estava por tratar ainda um caracter assim em o nosso theatro; da opposição do horror physico ou moral, envôlto no brutesco ou no comico, fazer resultar o sublime das mais delirantes paixões, lance tão arriscado, que ainda entre nós, segundo cremos, se não tentou na scena. O perigo assustava os mais resolutos. De todos, o caracter de Brazia, foi o mais bem sentido, e tambem o que mais calculou e melhor desenvolveu o poeta. O Público applaudiu-o, e devia. A experiencia não desanima; já se não tremerá de introduzir com resguardo, e sobre tudo de não estragar por exagerações fulminantes, estes caractéres de excepção. O autor abriu pelo exemplo mais uma estrada. Não a descobriu, mas atreveu-se a tental-a; não é pouco já. O papel de Brázia é uma excellente criação da snr.ª Talassi. A sua intelligencia abraçou os variados aspectos d'este caracter composto de allucinação, de esperança e desespero, de amor e odio unidos pelo ciume, e emfim de remorsos e expiação; e traduziu-o com uma verdade, com um sentimento, que a nosso ver se não excedem, e árduo será imitar. Não é um elogio; é só justiça.

D. Branca é um papel de pouca extensão. Resume-se em ingenuidade, e amor. A snr.ª Emilia n'esta parte mostrou-se mui inferior ao que pode e sabe, quando se exalta. Confundiu a candura da alma com a pieguice amaneirada, e passou, sem os entender, por

alguns pontos aonde n'outras occasiões ella propria haveria cortado palmas. A falta de saude de certo concorreu para não estudar com maior cuidado; a escolha que fez da *Brazia* para o seu beneficio, aonde tinha só tão pequena parte, absolve-a de qualquer outra interpretação malévola.

O estylo é corrente, e pautado pela escola do snr. Garrett [17]. Bom fôra entretanto, que notassem ao estudal a, que na verdade humana das paixões, no profundo conhecimento do coração, e na delicadeza com que surprehende os segredos intimos da vida, consiste o singular e mimoso das suas obras. A graciosa e natural simplicidade do seu diálogo é só forma. O *popular* está não só nas palavras mas na ideia geral da obra, e na expressão de cada um dos typos que traduz. O autor de *D. Branca*, em *Frei Luiz de Souza* levantou o monumento á sua escola dramatica; chegou até onde se podia chegar

[17] E' necessario não dar a esta expressão do illustre critico mais alcance, do que elle mesmo de certo pretendeu.

O snr. Pereira da Cunha pertence, quanto ao dialogo (como já n'outra parte o tocámos), á excellente escola do snr Garrett; mas não é pelas paginas do *Luiz de Souza*, ou do *Auto de Gil Vicente*, que elle pauta as suas Viu que o snr. Garrett no theatro falava singelo, e produzia effeito; resolveu-se a falar singelo; d'ahi por diante, consultou só o seu coração; e eis ahi tudo. São duas praticas differentes da mesma theoria. Entre duzentos que a sigam, haverá sempre differenças notaveis, como as ha entre estes dois. Aquelle dasagradavel *air d'autrui*, de que ralhava Despréaux, não apparece em parte alguma da *Brázia Parda*.

CASTILHO.

por aquelles meios; mas nem por isso Shakespeare é falso, ou Schiller é mediocre. Cada mestre adopta o seu estylo. Fora da escola do snr. Garrett tambem se pode descobrir e revelar o *bello* e o *sublime*.

Do enredo deveriamos tratar antes; porém a uma peça que se está representando, o maior mal que se pode fazer é declarar-lhe a fabula. Por isso nada diremos d'ella em especial. Se não é sempre irreprehensivel, é algumas vezes engenhosa; e no dispôr dos lances, se não é demasiado severa, quasi sempre demonstra muito talento.

A *Brázia Parda* é uma composição, que, mais reflectida e avivada em sitios por vigoroso pincel, afiançava inteiro successo [18]. Ha scenas bellas, rasgos de paixão de um colorido sombrio, e sobretudo no papel de Brázia trechos de innegavel poesia.

O 5.º quadro é excellente. Será difficil escrever com mais singeleza um dialogo familiar, e um acto de exposição menos forçado, do que todo o 1.º quadro.

No 4.º aquella carta que D. Branca dá ao Moiro Abdel-Hamud, caracter talvez que formoso de mais para um papel tão secun-

[18] A *Brázia Parda* indubitavelmente agradou, com especialidade á pequena fracção literaria dos espectadores; o que para maximo acolhimento lhe falleceu, foi, segundo nos parece, uma Companhia de actores com melhor vontade e maiores fôrças; porque (francamente o declaramos) nem todos os elogios que o autor reparte a estes nos parecem justos. Entretanto, o motivo que lh'os ditou nobre foi: muita vez se adiantam louvores, a quem pode vir a merecel-os.

CASTILHO.

dario, é sublime pela vehemente concisão. As palavras cortadas com que Brazia na scena da taberna do 1.º quadro responde ás perguntas, e no 2.º quadro as falas que troca com D. Branca, são de grande effeito, e pela bôca da snr.ª Talassi interpretadas inimitavelmente.

Expozemos o nosso conceito como sentiamos. O espaço não nos concedeu mais extensa analyse que a peça merecia; e concluiremos por affirmar, que, em nossa opinião, o drama *Brázia Parda* assignala na carreira do snr. Antonio Pereira da Cunha um sensivel progresso. Esta segunda obra é superior ás *Duas filhas*.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

P. S.

Já o artigo precedente, com todas as suas annotações, se achava composto, e a horas de se haver de transtornar a publicação do presente numero, se o supprimissemos ou o enviassemos a seu autor para o reformar, quando d'elle recebemos a seguinte carta, documento (segundo nos parece) de uma grande lealdade n'esta questão.

Aos melhores criticos aconteceu olharem ás vezes de má posição, com luz impropria, talvez distrahidos ou menos attentos, e verem mal, e condemnarem ou absolverem sem justiça.

O que porém pouquissimos d'elles fazem, e que a todos, se o fizessem, os honraria, ainda mais do que acertarem logo o primeiro lanço da critica, é o desdizerem-se da inconsiderada censura, e repôrem o alheio crédito no seu logar.

E' esse bello exemplo, que se dá na carta que se vai ler, na qual, só nós havemos por menos exacto o sentido que o autor parece haver attribuido ao snr. Mendes Leal no seu artigo sobre *Brázia Parda*, impresso no *Correio Portuguez*, e com que, se para isso houvermos espaço, em algum dos numeros proximos procuraremos enriquecer as nossas paginas; porque o snr. Mendes Leal (autorisados por elle mesmo o declaramos) não considerou, nem por momentos, drama *historico* o drama de *Brázia Parda*; e portanto, não pretendeu fazer-lhe a censura que ao snr. Rebello se figurou.

Carta de Rebello da Silva a Castilho

Ill.^mo Snr. — Escrevo a V. S. duas linhas, só duas para lhe não tomar tempo.

Acabo de ler um folhetão excellente do nosso amigo Mendes Leal. A crítica do caracter de D. Sebastião vem n'elle perfeita, e olhado o personagem do mesmo modo que o eu olhei. A forma é mais urbana, e menos *azeda* do que a minha. Adopto-a. E se V. S. m'o permittir, emendarei todo esse periodo do meu artigo para lhe dar essa intenção; distingui-

rei entre *drama historico*, e *drama de imaginação;* e assim ficamos todos bem, e até a critica. O rigor das minhas reflexões applicava-se ao drama *historico*; se este de *Brázia Parda* o fosse, entendiam-se com elle; como não é, servem de conselho a quem *historicamente* desenhar D. Sebastião. Muito louvor cabe ao snr. Mendes Leal. Sou etc.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

P. S. 2.º

Voto competente e authentico
acerca da
«Brázia Parda»

Carta de Mendes Leal a Castilho

Lisboa 10 de Março de 1845

Tendo lido no numero antecedente da *Revista* uma censura do snr. Rebello da Silva, feita ao drama de *Brázia Parda*, do snr. Antonio Pereira da Cunha, e com ella uma carta, em que talvez se interpretavam menos exactamente as minhas intenções no artigo que acerca do mesmo drama inseri no *Correio portuguez*, insistindo na declaração que V. S., como eu pedira, teve já a bondade de fazer na mesma *Revista*, affirmo que das minhas ponderações sobre a historia para o drama que formavam uma parte do mencionado artigo, nada quiz concluir contra a formosa composição da *Brázia Parda*. Respeito infinito as opiniões do snr. Rebello da Silva, como desejo que se respeitem as minhas; admiro sinceramente o seu talento; creio na rectidão dos seus juizos; mas reservo-me todavia o direito de emittir, de sustentar, e de ampliar, se fôr preciso, um *parecer* que dei; que dou com a mão na consciencia. Do embate d'estes *pareceres*, tenho-o dito muitas vezes, é que deve scintillar a verdade. Se to-

dos pensassem pela mesma forma, começava por não haver arte, acabaria por não haver crítica.

As minhas reflexões applicavam-se pois unicamente, simplesmente, ao drama historico; não o sendo o do snr. Pereira da Cunha, claro estava que lhe não podia caber a censura. Para mim, o caracter de D. Sebastião depois do desastre de Alcacer, não é já do dominio da chronica, é do imperio da phantasia. E' Othello, é Fausto, é Macbeth, é o Judeu errante. ¿Não me dirão que limites se podem assignar a caractéres d'estes?

Para desenvolver aqui as minhas taes ou quaes theorias acerca da arte applicada ao drama, fôra muito longo. Para responder ás rasões, aliás respeitaveis, do snr. Rebello da Silva, já fui tão cabalmente prevenido por V. S., que não poderia agora fazer, senão repetir o que já está dito, e muito melhor dito.

Cnsiderando o drama da *Brazia Parda* pelo lado por que eu o considerei, pelo lado por que o poeta certamente o considerou, acho-o de mui subido mérito. Disse-o, porque o entendia assim, sustental-o-hei se fôr preciso, porque assim o entendo ainda.

Tenho a honra de ser, com profunda estima e veneração,

De V. S.

attento admirador e muito obrigado

José da Silva Mendes Leal Junior.

FIM DO SEXTO VOLUME

INDICE

	Pag.
CXC—Um códice do seculo XIII.....	5
CXCI—Conversão	7
CXCII—Pobreza rica.....	11
CXCIII—Herodes tripas de lan.....	15
CXCIV—Gigante	17
CXCV—A cara da minha Gertrudes	19
CXCVI—Passar pelo vime.	23
CXCVII—Passar pelo vime.....	31
CXCVIII—Passar pelo vime.....	33
CXCIX—Importante restituição á Patria e ás Letras....	35
CC—Tempestade em Lisboa.....	37
CCI—Um homem incombustivel	39
CCII—Boqueirão do Inferno...	43
CCIII—Martyrio por amor	47
CCIV—Toiro gigante.....	53
CCV—Uma nau empalmada por uma catraia.....	57
CCVI—Extremos de um cão.....	59
CCVII—Amores de tigre.....	61
CCVIII—Dias de jejum.....	63
CCIX—Immortalidade material.....	69
CCX—Portento musico	73
CCXI—Viuvez trágica de um homem....	77
CCXII—Somno pesado.....	81
CCXIII—Furto restituido por arte magica	83
CCXIV—O segredo do Capitão Warner...	87
CCXV—O Mondego no Tejo	91
CCXVI—Nova machina infernal.....	93

Pag.

CCXVII—Gemidos mysteriosos..... 95
CCXVIII—Debaixo das flores a áspide..... 99
CCXIX—Como n'um volver de olhos se podem trocar as scenas d'este mundo.. 101
CCXX—Segundo fogo da Magdalena.. . 103
CCXXI—Salvamento para naufragos..... 115
CCXXII—Vasco da Gama.... 117
CCXXIII—Animação a inventores 119
CCXXIV—O snr. Listz..... 121
CCXXV—Grande baile..... 127
CCXXVI—O anniversario da eleição do Papa 129
CCXXVII—Grande acto de beneficencia.... 131
CCXXVIII—Luva atirada a um inimigo de brigas..... . 133
CCXXIX—Tragicomédia n'um pateo..... 135
CCXXX—Emprazado 141
CCXXXI—Brázia Pardá..... 145

3 — **Cartas de Ecco e Narcizo**, verso.
4-5 — **Felicidade pela agricultura**, 2 vols.
6-7 — **A primavera**, verso, 2 vols.
8 a 15 — **Vivos e mortos**, spreciações morais, literarias e artisticas, 8 vols.
19-20 — **O presbyterio da montanha**, prosa, 2 vols.
21-22 — **O outomno**, verso, 2 vols.
27-28 — **Novas escavações poeticas**, verso, 2 vols.
29 a 32 — **Theatro**, Camões, drama e notas, 4 vols.
33 — **Theatro**, Canáce, tragedia original.
34 — **Theatro**, Um anjo da pele do diabo — O casamento de oiro, comedias.
35 — **Theatro**, Aristodemo, tragedia. A volta inesperada, farça.
36 — **Theatro**, A festa do amor filial. A filha para casar, comedias.
37-38 — **Palestras religiosas e consolações**, prosa e verso, 2 vols.
39 a 45 — **Casos do meu tempo**, prosa, 7 vols.
46 — **Estrelas poeticas** para o ano de 1853, verso.
47 a 50 — **Télas literarias**, prosa, 4 vols.
51 — **Os ciumes do bardo**, As flores, e a confissão de Amelia, verso.
52-53 — **Mil e um misterios**, romance dos romances, 2 vols.
54 — **A noite do castelo**, poema.
55 — **Tributo portuguez á memoria do Libertador**, prosa.
58 a 60 — **Novas télas literarias**, prosa e verso, 3 vols.
61 a 63 — **Methodo Portuguez de Leitura**. Directorio do mesmo, 3 vols.
64-65 — **Castilho pintado por êle proprio**. As escolas dos asilos de Infancia desvalida, 2 vols.
66 — **Felicidade pela instrução**.
67 — **Ajuste de contas**.
68 — **Noções rudimentares para uso das escolas**, 2 vols.
70 a 72 — Resposta aos novissimos impugnadores do Methodo portuguez, 3 vols.
73 a 75 — Tratado de Mnemónica, 3 vols.
76 — Ou eu ou eles, e Tosquia de um camelo.
77 a 80 — Cartas, 4 vols.

PQ
9261
C34C35
v.6

Castilho, Antonio Feliciano
Casos de meu tempo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 011 7